

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

**CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIOAMBIENTAIS**

**Igor Prado Rodrigues Meneses**

**A PRAIA ARTIFICIAL:**

**ANÁLISE HISTÓRICA DA RELAÇÃO ENTRE SERES HUMANOS E  
LAGOA CENTRAL, MUNICÍPIO DE LAGOA SANTA/MG (1969-1988)**

Lagoa Santa -MG, 2017

**Igor Prado Rodrigues Meneses**

**A PRAIA ARTIFICIAL:**

**ANÁLISE HISTÓRICA DA RELAÇÃO ENTRE SERES HUMANOS E  
LAGOA CENTRAL, MUNICÍPIO DE LAGOA SANTA/MG (1969-1988)**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Curso Ciências Socioambientais, da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito oficial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Socioambientais

Orientador: Prof. Ely Bergo de Carvalho

Lagoa Santa -MG, 2017

## DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a todos que me auxiliaram nesta caminhada, primeiramente minha Mãe e familiares que sempre me incentivaram a estudar. Deixo meus agradecimentos à Luiza, Regina, Canela e Gabriel pelo imenso apoio e ajuda em todos os sentidos.

Gostaria de agradecer imensamente ao Professor Ely Bergo de Carvalho pela atenção prestada ao trabalho e pelas suas orientações que foram de grande ajuda em todo o percurso do mesmo. Gostaria também de dedicar esse trabalho a meu querido Avô Antônio Eustáquio e querida Bisavó Guiomar que sempre estiveram me incentivando.

Deixo meus agradecimentos aos entrevistados do trabalho que colaboraram de forma decisiva sobre o mesmo, e em especial a Rosângela Albano e Professor Cleito Ribeiro, que me apoiaram na ideia de fazer um trabalho sobre a Lagoa Central na Cidade de Lagoa Santa. Agradeço a todos os amigos que estiveram próximos e me ajudaram e incentivaram em todo esse percurso, principalmente a Vitória Roscoe, Vinicius Oliveira e a querida Maria Laura.

## RESUMO

Este estudo almeja compreender melhor a evolução dos processos e representações sociais estabelecidas em torno da Lagoa Central e de sua praia artificial, desde a década de 1970 até o final dos anos 80, e assim aferir como estas se desenvolveram e produziram diferentes relações, formas de apropriação e conseqüentemente impactos no ambiente e na significação do lugar. Através do uso de fontes iconográficas e de depoimentos da história oral, o trabalho busca perceber as representações e significações construídas em torno do lugar nesse período, com foco nas representações sociais que levaram ao surgimento e colapso da praia artificial no município de Lagoa Santa/MG. No trabalho são perceptíveis as diversas transformações e mudanças nas relações e práticas estabelecidas em torno do local em função das representações sociais assumidas em diferentes momentos.

Palavras-chave: Lagoa Santa, Praia artificial, Meio-ambiente, Natureza, Representações Sociais

## LISTA DE IMAGENS

|  |    |
|--|----|
| MAPA 1 - LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE LAGOA SANTA-MG EM<br>RELAÇÃO A BELO HORIZONTE.....                        | 10 |
| MAPA 2 - LAGOA CENTRAL EM LAGOA SANTA, COM A ANTIGA<br>PRAIA ARTIFICIAL EM DESTAQUE EM VERMELHO.....           | 12 |
| IMAGEM 1 – Foto da praia artificial década de 1970, Autoria e acervo de<br>Demóstenes de Sales.....            | 30 |
| IMAGEM 2 – Foto da Praia artificial década de 1970, Autoria e acervo de<br>Demóstenes de Sales.....            | 31 |
| IMAGEM 3 – Foto da praia artificial extraída de Filme produzido na<br>década de 1980, Acervo CAALE e PMLS..... | 32 |
| IMAGEM 4 – Foto da praia artificial década de 1980, Acervo CAALE e<br>PMLS.....                                | 33 |
| IMAGEM 5 – Foto da praia artificial em 1985, Autoria de Anna Lúcia,<br>Acervo pessoal Anna Lúcia e CAALE.....  | 35 |
| IMAGEM 6 – Foto de uma mulher esquiando na Lagoa na década 50,<br>Acervo CAALE e PMLS.....                     | 45 |
| IMAGEM 7 - Praia de Copacabana Década de 50.....   | 46 |

## LISTA DE SIGLAS

APA Carste - Área de Proteção Ambiental Carste de Lagoa Santa

CAALE - Centro de Arqueologia Annette Laming Emperaire

CODEMA - Conselho Municipal de Desenvolvimento Ambiental

PMLS – Prefeitura Municipal de Lagoa Santa

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| 1.0 INTRODUÇÃO   | 7  |
| 1.1 Justificativa.....   | 8  |
| 1.2 Questão de Pesquisa.....   | 9  |
| 1.3 O Caso de Estudo.....  | 10 |
| 2.0 CONSIDERAÇÕES DO MÉTODO.....   | 14 |
| 2.1.1 Meio Ambiente e Natureza como uma Representação Social.....          | 14 |
| 2.1.2 O Uso de Imagens na Percepção das Representações Sociais.....        | 16 |
| 2.1.3 O Potencial da História Oral na Percepção das Representações Sociais | 19 |
| 2.2 Método.....  | 20 |
| 3.0 DESENVOLVIMENTO.....   | 26 |
| 3.1 Consideração de estudos sobre Lagoa Santa e a praia artificial.....    | 26 |
| 3.2 Levantamento de Documentos.....  | 28 |
| 3.3 Análise da Imagem .....  | 29 |
| 3.4 Análise de Entrevistas.....  | 36 |
| 4.0 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....  | 44 |
| 4.1 A Origem das Práticas Balneares.....                                   | 44 |
| 4.2. A Origem da Praia Artificial.....                                     | 45 |
| 4.3. O Fim da Praia Artificial.....  | 47 |
| 5.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....  | 50 |
| 6.0 BIBLIOGRAFIA.....  | 53 |
| 7.0 ANEXOS.....  | 55 |

## 1.0 INTRODUÇÃO

Lagoa Santa é uma cidade localizada no Vetor Norte da região metropolitana de Belo Horizonte. Famosa pelas diversas descobertas arqueológicas e paleontológicas do dinamarquês Peter Wilhelm Lund<sup>1</sup> e da missão franco-brasileira<sup>2</sup> em torno das ocupações humanas e da presença da Megafauna no início do período Holoceno.

A colonização da região se iniciou no final do século XVII com as explorações dos bandeirantes em busca de ouro, destacando-se entre eles Fernão Dias Paes Leme, que chegou a essa região por volta de 1675. Em 1733 a cidade é fundada por Felipe Rodrigues, sobre a afirmação de que as águas da Lagoa Central possuíam propriedades curativas. Em pouco tempo várias pessoas são atraídas para a região em busca de seu poder curativo. A cidade assim surge e se desenvolve em torno da lagoa e de seus significados ao longo do tempo, com diferentes representações e relações em torno do lugar em cada momento.

Nos últimos 50 anos do século XX a região passou por grandes transformações, com forte aumento da ocupação do território, principalmente em torno da Lagoa Central, na década de 50 começaram a aparecer mansões e casas de fim de semana da elite belo-horizontina, uma paisagem que contrastava com as construções originais da cidade. Durante os anos 1950 e 1960 surgiram também inúmeros trampolins ao longo da orla da Lagoa, pertencentes às casas do entorno, os usos em torno do local se desenvolveram com o tempo, voltados geralmente para o turismo e lazer, natação, prática de esportes náuticos. O late clube construído na beira da Lagoa na década de 1950 promovia noites dançantes, além de uma série de outros atrativos como sala de jogos e um grande trampolim. A população tradicional porém fazia também outros usos da Lagoa, como a pesca, lavagem de roupas .

Em meados da década de 1960 foi construída na Lagoa Central uma Praia artificial, fato que talvez tenha contribuído para seu assoreamento. A praia tinha

---

1 Estudioso dinamarquês que pesquisou a região de Lagoa Santa no século XIX, responsável pela descoberta de inúmeros fósseis incluindo vestígios humanos e de grande parte da megafauna que habitou a região por volta de 10.000 anos atrás.

2 A Missão Franco-Brasileira foi uma pesquisa coordenada pela Arqueóloga Annette Laming Emperaire na década de 1970, que estudou abrigos da região de Lagoa Santa, e foi responsável pela descoberta de um dos restos esqueléticos humanos mais antigos encontrado na América denominado "Luzia".

grande movimento aos fins de semana com inclusive grande público de turistas que vinham muitas vezes em ônibus e excursões da capital e de outras cidades próximas. O turismo na região foi forte durante vários anos, porém com um histórico de depredações e impactos na Lagoa Central e em seu ambiente, com alterações das espécies naturais, assoreamento e poluição.

A visão e a sensibilidade sobre a natureza vêm mudando constantemente ao longo da história, assumindo assim diferentes representações e significações. Neste trabalho pesquisei as relações estabelecidas entre a comunidade e a Lagoa Central desde a década de 1970 até o final dos anos 80 no município de Lagoa Santa, com foco no surgimento da praia artificial e o processo de ressignificação e representação social desse relacionamento em diferentes momentos. Quero aqui elucidar os processos culturais e sociais envolvidos na relação com a Lagoa durante a época da praia, entendendo as representações e significações que motivaram a determinados comportamentos em relação ao lugar.

Dito de outra forma, a pesquisa visou perceber como o vínculo entre seres humanos e a Lagoa se desenvolveu ao longo do tempo e conseqüentemente como os diferentes significados e representações da comunidade em torno da mesma moldaram diferentes formas de apropriação, reprodução do espaço e impactos na natureza local.

## 1.1 Justificativa

Moro em Lagoa Santa desde os 13 anos de idade e sempre estive encantado com a beleza do lugar. Tive a decisão de fazer esse trabalho ao entrar em contato direto com a história da cidade, por meio do estágio que estou realizando no Museu e Centro de Arqueologia Annette Laming Emperaire (CAALE) de Lagoa Santa.

A Lagoa Central sempre foi o cartão postal da cidade, admirada por naturalistas desde meados do século XIX, sua beleza sempre foi exaltada. A importância desse estudo está ligada ao fato de que a cidade de Lagoa Santa se desenvolveu, literal e figurativamente, em volta da lagoa, nela construindo e reconstruindo suas significações e representações através do tempo. Porém essa relação com a Lagoa Central se deu muitas vezes de forma inconsequente e predatória, fazendo com que o lugar sofresse um processo de alteração pela ação

antrópica, com fortes impactos ao longo do tempo. Assim surgiu esta pesquisa que busca identificar e elucidar como as representações sociais moldaram a relação com a Lagoa e trouxeram diferentes impactos e alterações no ambiente da mesma, com foco na praia artificial construída em meados dos anos 1960.

Lagoa Santa tem uma história muito rica, com diversas representações que foram construídas e reconstruídas sobre a Lagoa Central desde o princípio da ocupação na região, a mesma tem sido foco de estudos técnicos voltados para compreensão de suas características biofísicas, porém não existe nenhum trabalho acadêmico que se proponha a trabalhar essa questão histórica das representações em torno da Lagoa Central e suas significações ao longo do tempo.

Através de um levantamento de alguns estudos encontrei análises limnológicas<sup>3</sup> e morfométricas<sup>4</sup> da Lagoa desenvolvidas por BRIGHENTI em 2009, e em 2011 através de sua tese de mestrado, FIGUEIREDO (2007) também desenvolve uma análise de cianobactérias na Lagoa Central, esses estudos em geral consideram que a Lagoa está passando por um processo de degradação de seu ecossistema. Encontrei também um estudo de geoprocessamento relacionado à evolução da ocupação do solo e processo de urbanização da cidade desenvolvido por Heloísa Delfino em 2002 em uma monografia para obtenção de título Especialista em Geoprocessamento.

Porém nenhum estudo que procure aprofundar os conhecimentos sobre as relações e representações construídas em torno do lugar e bem como essas influenciaram no uso e apropriação do mesmo. Assim creio poder contribuir com a história local, trazendo a formação de novos conhecimentos sobre o lugar e possibilitando um melhor entendimento dos processos sociais envolvidos.

## 1.2 Questão de Pesquisa

Desde a fundação da cidade, a lagoa sempre teve papel central no desenvolvimento e no cotidiano da população lagoassantense, ainda que essa

---

3 Limnologia é o estudo biológico das massas de água, de sua produtividade e de reações das comunidades bióticas em relação ao meio químico, físico e biológico.

4 Morfometria consiste no estudo e medição dos elementos físicos que definem forma e estrutura e que exercem influência sobre as características químicas, físicas e biológicas.

relação seja marcada por diferentes simbolismos e significados, que se alteram conforme o desenvolvimento histórico de Lagoa Santa.

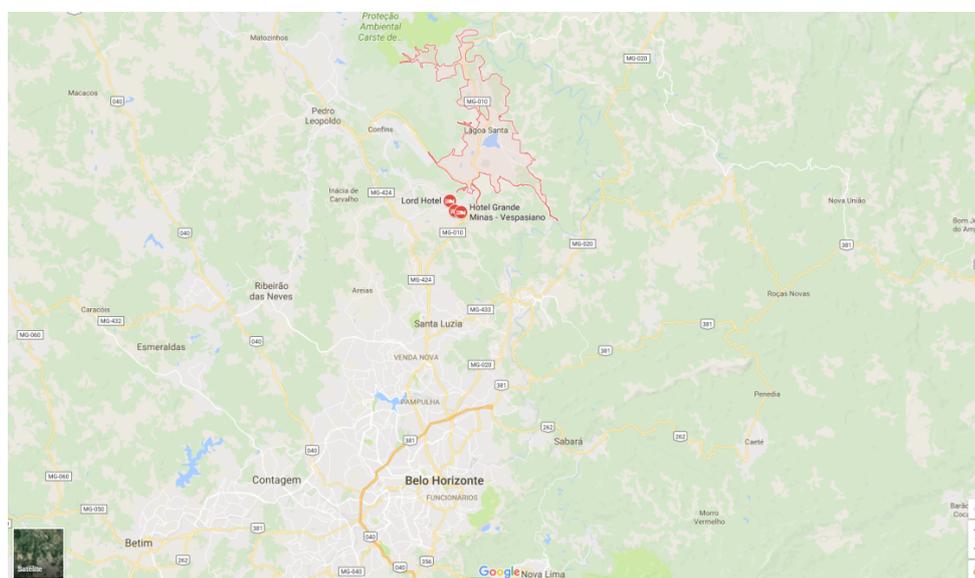
Tais representações moldaram determinadas práticas e relações com o ambiente local, que se alteraram ao longo do tempo. Tomamos como recorte o período de 1969 até final dos anos 80, com foco nos processos de ressignificação e representação social em torno do uso e construção de uma praia artificial na Lagoa Central.

Mais especificamente o objetivo da pesquisa é interpretar as representações sociais assumidas em torno da praia artificial e da Lagoa Central, percebendo até que ponto processos sociais e representações moldaram diferentes percepções e relações com o ambiente.

### 1.3 O caso de Estudo

O seguinte trabalho toma como objeto de estudo as representações sociais em torno da Lagoa Central no município de Lagoa Santa (MG) de 1969 até final de 1980, abordando principalmente o papel simbólico da Lagoa durante os anos da praia artificial, com foco em suas ressignificações e chamando atenção para como essas questões com o passar do tempo moldaram diferentes relações e impactos em torno da Lagoa Central e seu meio ambiente.

MAPA 1 - LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE LAGOA SANTA-MG EM RELAÇÃO A BELO HORIZONTE



Fonte: Google Maps

A Lagoa Central se situa no município de Lagoa Santa, na Zona Norte da região metropolitana de Belo Horizonte-MG. No mapa acima podemos observar a área do Município de Lagoa Santa contornada em vermelho (MAPA 1).

Discorrendo um pouco sobre a origem da Lagoa Central e algumas de suas características, Parizzi (1998) aqui citado por Brighenti (2011) afirma:

[...] A bacia de captação desse lago está situada na área urbana do município que, por sua vez, insere-se na bacia do alto rio das Velhas. Trata-se de uma região formada por planaltos com relevos pouco acentuados, altitude média de 800 m, clima tropical e temperatura média anual de 22°. A Lagoa Central é relativamente recente e foi formada há cerca de 6.100 – 5.000 anos pelo deslizamento de terras, causado por chuvas torrenciais, que obstruiu a água que corria no vale. (PARIZZI et al 1998 apud BRIGHENTI et al 2011, p.282)

Como chama atenção Barbosa (1994), aqui citado por Brighenti (2011):

Lagoa Santa faz parte de um dos principais sistemas lacustres do Brasil: o sistema de lagos na região calcária, na região metropolitana de Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais. Sabe-se que a Lagoa Central da cidade de Lagoa Santa era um ecossistema muito rico em diversidade da vida aquática, elevada transparência e baixos índices de nutrientes essenciais, além de grande beleza cênica. (BARBOSA et al 1994 apud BRIGHENTI et al 2011, p.282).

A Lagoa Central ficou famosa por sua beleza natural e pelas curas aqui registradas, relatada desde o século XVIII por João Cardoso de Miranda através do livreto *Prodigiosa Lagoa* em 1749, época em que a água da mesma era importada e vendida em Portugal, a lagoa assim já se erguia sobre representações que exaltavam sua beleza e carregavam seu apelo divino (MIRANDA, 1749). Desde então essas representações se desenvolveram assumindo diferentes significações e relações com o local com o passar dos tempos, os impactos dessas relações também são percebidos através das alterações do ecossistema local pelo processo de ocupação e ação antrópica.

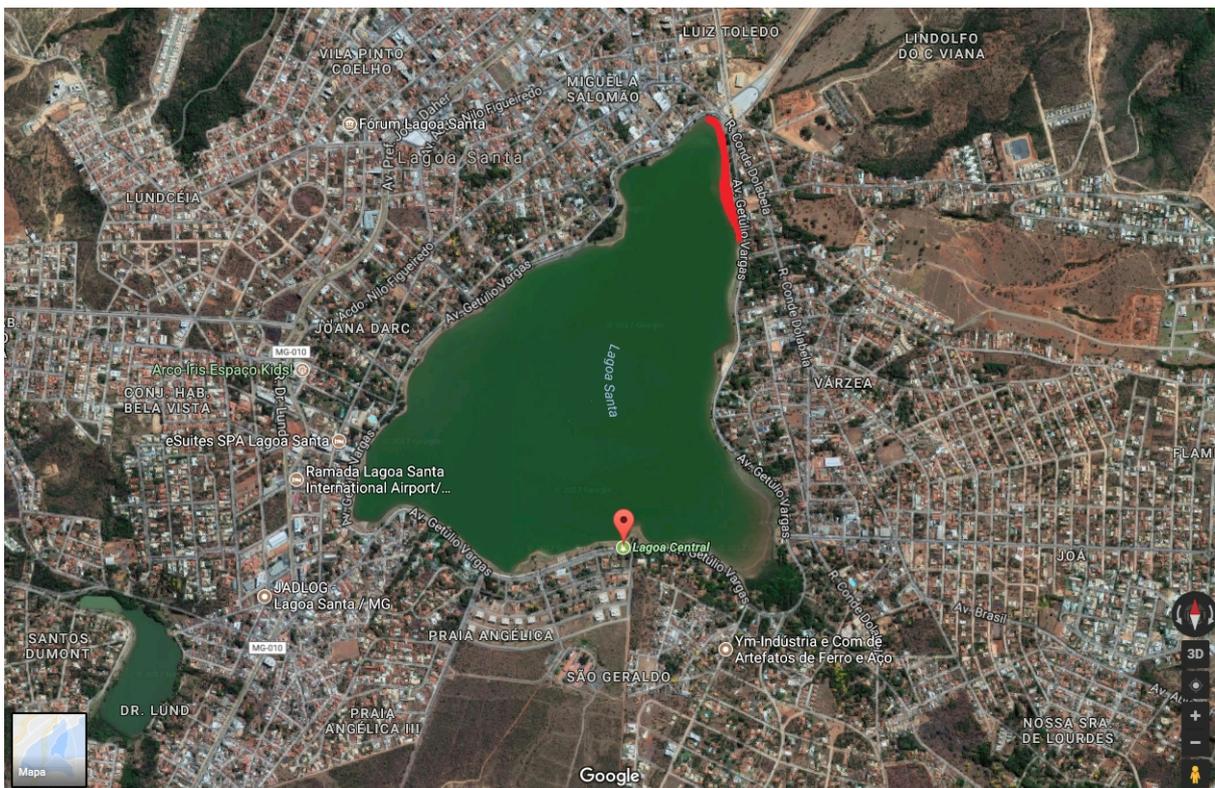
As relações com o local durante muitos anos estiveram diretamente ligadas ao lazer e turismo, porém com poucas preocupações a cerca da questão ambiental e dos cuidados em relação ao local. A lagoa foi o “point” durante os anos da década de 50 e 60 com vários trampolins em frente às mansões em sua orla, anos depois se teve também a construção de uma praia como forma de atrativo para o turismo, fato que talvez tenha contribuído também para o assoreamento da Lagoa. Como chama atenção uma série de autores aqui citados por Brighenti (2009):

(...) desde o final da década de 70 a região vem sofrendo crescentes transformações como resultado do processo de urbanização que tem ocorrido de forma não orientada e incompatível com a utilização racional de seus recursos naturais (COUTINHO & BARBOSA, 1986 apud BRIGHENTI, L., 2009, p.13)).

Entre os impactos pode-se citar: alterações no talude com conseqüente retirada de macrófitas da região litorânea (Santos *et al*, 1998); criação de praia artificial; dragagem; (BARBOSA *et al*, 1993 apud BRIGHENTI, L., 2009, p.13)

A relação com a Lagoa foi muitas vezes predatória onde o forte uso ligado ao lazer e turismo estavam aliados a um descaso em relação à preservação e conservação da mesma. A praia artificial construída no fim da década de 1960 faz parte desse cenário turístico com poucas preocupações em relação às questões ambientais. No mapa abaixo (MAPA 2) obtido por imagens de satélite do Google Maps podemos ver a Lagoa Central com destaque na parte onde foi construída a praia artificial.

MAPA 2 - LAGOA CENTRAL EM LAGOA SANTA, COM A ANTIGA PRAIA ARTIFICIAL EM DESTAQUE EM VERMELHO



Fonte: Google Maps

Interpretando as representações sociais assumidas em torno da praia artificial e da Lagoa Central, queremos observar a transformação das demais formas de apropriação em relação ao local, percebendo até que ponto os diversos processos sociais e representações moldaram diferentes percepções e relações com o ambiente.

## 2.0 CONSIDERAÇÕES DO MÉTODO

Dentro dessas perspectivas de pesquisa trabalhamos com uma série de conceitos e técnicas que auxiliam na compreensão das diversas faces e desdobramentos do evento estudado. Ao trabalhar com a iconografia e a história oral para entender melhor as perspectivas e o contexto em torno da praia artificial podemos ter acesso a percepções em torno das representações evocadas pela mesma em diferentes grupos e conseqüentemente em suas relações. Como elas se deram, transformaram, e quais seus respectivos impactos ao longo do tempo, para tal é necessário encarar a questão ambiental como parte das percepções sociais e culturais, investigando o contexto dessas relações. Sendo assim elucidamos aqui alguns conceitos e considerações pertinentes ao método e as diretrizes utilizadas no trabalho.

### 2.1.1 Meio Ambiente e Natureza como uma Representação Social

O debate sobre a questão ambiental é um dos que tem ganhado mais destaque nos últimos anos, sendo reconhecida como uma responsabilidade de todos, porém nem sempre foi assim. Sabemos que a sensibilidade e a relação com o mundo natural e o meio ambiente passaram por diversas transformações e quebra de paradigmas ao longo do tempo. Como discorre McCormick(1992) aqui citado por Carvalho(2012), sobre o tema:

[...] O ser humano é hoje a principal força de transformação da paisagem em Gaia, o ecossistema planetário. Mais impressionante que isto, talvez seja o fato de que até meados do século XX, a preservação da natureza foi uma bandeira de uns poucos amantes da natureza. A governança do Ambiente é algo a ser enfrentado por toda sociedade humana e as sociedades modernas já produziram várias "políticas de ambiente", mas foi na segunda metade do século XX que emergiu a "questão ambiental", como um problema que preocupa amplos setores da sociedade e está situada no primeiro plano do cenário político global. (McCORMICK, 1992, p 74 apud CARVALHO, 2012, p.190).

O tema ambiental é hoje encarado como uma pauta global e coletiva, tendo destaque mobilizações como a Primeira Conferência Mundial de Meio Ambiente Humano em Estocolmo em 1972 e a Conferência das nações Unidas para o Meio

Ambiente e Desenvolvimento (Rio92) que ocorreu no Rio de Janeiro em 1992. Nesse contexto reconhecemos a necessidade de se entender a importância do trabalho com abordagens locais, possibilitando uma identificação de diferentes agentes e relações estabelecidas que também contribuem para as mudanças globais, trocando a objetividade com a qual é encarada a questão ambiental, por uma abordagem que não naturalize os problemas ambientais. A questão aqui é superar a:

Ideia de objetividade de uma 'crise ambiental' exprimindo a perspectiva de um colapso na relação quantitativa malthusiana entre população e território ou entre crescimento econômico material e base finita de recursos. Uma propensão ao objetivismo tende a desconsiderar o processo social de construção da noção de "crise ambiental", fetichizando o mundo material, tido como relativamente descolado das dinâmicas da sociedade e da cultura. Tal concepção supõe, no longo prazo, a inelutabilidade da percepção coletiva do colapso tendencial, expressa numa adesão crescente e potencialmente unânime ao reconhecimento da crise iminente. Existiria uma 'consciência ambiental' una, aquela correspondente a um ambientalismo antecipatório fundado nos indicadores objetivos do colapso ecológico. (ACSELRAD, 2004, p 13 apud CARVALHO, 2012, p.191).

Este trabalho busca quebrar a lógica objetivista, reconhecendo a natureza sociocultural da questão ambiental e toda a complexidade envolvida. Para refletir tal assunto entro aqui em uma discussão sobre a forma com que são encarados os conceitos de natureza e meio ambiente, em uma lógica de representações sociais. Vejamos então algumas das definições de meio ambiente por ecólogos, levantadas por Reigota (1995): "O que circunda um organismo incluindo as plantas e os animais, com os quais ele interage." (RICKLEFS, R, 1973,p.735 apud REIGOTA, 1995, p.12), "É evidente que o meio ambiente se compõe de dois aspectos: a) meio ambiente abiótico físico e químico e b) meio ambiente biótico." (DUVIGNEAUD, P. 1984, p.237 apud REIGOTA, 1995, p.12), "O conjunto de fatores bióticos (os seres vivos) ou abióticos (físico-químicos) do habitat suscetíveis de terem efeitos diretos ou indiretos sobre os seres vivos e, compreende-se, sobre o homem." (TOUFFET. J. 1992 apud REIGOTA, 1995, p.12).

Nessas três definições apresentadas por ecólogos podemos perceber que somente uma encara e inclui o homem como parte constitutiva desse meio ambiente. Buscamos aqui entender o homem não só como parte desse meio ambiente, mas como construtor das realidades e representações sobre o mesmo, como afirma Pierre George aqui levantado por Reigota(1995): "O meio ambiente é

ao mesmo tempo uma realidade científica, um tema de agitação, objeto de um grande medo, uma diversão, uma especulação." (GEORGE, Pierre. 1982. p. 18 apud REIGOTA, 1995. p.13).

As definições mostram que não existe um consenso sobre meio ambiente na comunidade científica. O conceito de meio ambiente está em constante transformação, fazendo parte de um conjunto de símbolos que se reconstrói e caracteriza culturas em tempos históricos e espaços determinados. Devemos então tomar o meio ambiente também como uma representação social, produto de uma determinada cultura em determinados momentos, como define Moscovici(1976), aqui citado por Reigota(1995) : "Uma representação social é o senso comum que se tem sobre um determinado tema, onde se incluem também preconceitos, ideologias e características específicas das atividades cotidianas (sociais e profissionais) das pessoas." (MOSCOVICI, 1976 apud REIGOTA, 1995, p 12).

A visão sobre a natureza e meio ambiente se apresenta assim como diversos conceitos na sociedade em constante mutação ao longo do tempo, assumindo diferentes percepções e representações em torno do mundo natural. Buscamos aqui encarar a evolução da relação e das representações sociais em torno da Lagoa Central em Lagoa Santa e de sua praia artificial, reconhecendo a construção sociocultural da questão ambiental e conseqüentemente a reprodução das relações e intervenções de acordo com imaginário, o simbolismo e as representações sociais do contexto.

### 2.1.2 O Uso de Imagens na Percepção das Representações Sociais

O trabalho se desenvolve a partir da análise de imagens e fotografias produzidas na Cidade de Lagoa Santa desde a década de 1970. O objetivo é captar e perceber o imaginário em torno da Lagoa Central e da praia artificial, entendendo como essas representações distintas contribuíram para diferentes formas de apropriação, e relações estabelecidas em torno do lugar. O uso das imagens contribui para perceber as relações e representações estabelecidas em diferentes momentos históricos, captando a subjetividade e sensibilidade do momento, como afirma Romanello (2006):

Entende-se que o trabalho com a imagem permite, além de explorar seu potencial para a comunicação, perceber a sensibilidade do momento, pois parte-se do princípio de que ela responde às demandas – política, social, cultural – do momento em que foram produzidas. (ROMANELLO, 2006, p.15).

Sem dúvidas a fotografia é uma das formas de comunicação mais abrangentes e influentes no mundo contemporâneo, seja por sua dinâmica e lógica de representações dentro do imaginário, ou por seu vínculo direto com uma realidade que é produzida e construída no momento da captura das imagens. Como diz Kossoy:

Graças a sua natureza físico-química – e hoje eletrônica – de registrar aspectos (selecionados) do real, tal qual estes de fato se parecem, a fotografia ganhou elevado status de credibilidade. Se por um lado, ela tem valor incontestável por proporcionar continuamente a todos, em todo o mundo, fragmentos visuais que informam das múltiplas atividades do homem e de suas ações sobre outros homens e sobre a Natureza, por outro, ela sempre se prestou e sempre prestará aos mais interesseiros usos dirigidos. (KOSSOY, 1999, p. 19).

As imagens então estão associadas diretamente ao papel de credibilidade por capturar o “real” através de fragmentos visuais, porém, além disso, elas estão diretamente envolvidas em um processo de construção e alteração do imaginário social. Ou seja, as imagens são muito mais do que evidências documentais, pois fazem parte das representações sociais de cada momento e suas demandas, sua contribuição vai muito além de meramente se retratar a realidade, mas sim de construção dessas realidades, incorporando toda uma lógica do simbolismo e do imaginário presente nas representações sociais.

[...] as imagens, no jogo de revelar e ocultar, constituem-se numa dialética da construção do mundo do homem e de seus dilemas: a vida, a doença e a morte. As imagens, contudo, não são dados, meras evidências indiciárias, mas construções imaginárias. Elas não se reduzem a evidências documentais, objetivas, elas são, enfim, simbolizações construídas histórica e socialmente. Vista por este ângulo, o que importa resgatar ou discutir é o modo como uma imagem idealiza, metaforiza, constrói um campo de significação. Toda representação visual é uma projeção imaginária do sujeito sobre um objeto, mesmo aquela que se pretende fundamentada no registro do dado. Nada escapa, portanto, ao processo de elaboração simbólica e de atribuição de significados, mesmo as imagens que perseguem a ‘verdade’ ou a reprodução ‘fiel’ da realidade, como a fotografia. A fotografia faz parte também do campo da imaginação. Ela recobre tanto o esforço para apreender realisticamente um objeto impossível como para extrapolar os limites de realidade. (DINIZ, Ariosvaldo, 2001, p. 115 apud ROMANELLO, 2006 p.16 ).

Cada imagem atua de determinada forma na construção de um campo de significação, trabalhando com os elementos subjetivos e simbólicos do imaginário. Para realização desse trabalho é fundamental perceber como cada fotografia e imagem pode dizer muito sobre a sociedade e o momento histórico em que foram produzidas, pois elas criam e constroem um campo de simbolismo e significação captando a subjetividade por trás de determinados momentos.

Toda sociedade envolve uma complexa relação com vários elementos e aspectos que tem de ser levados em conta para sua compreensão, sejam eles relacionados às formas de reprodução material ou cultural, perpassando o campo da construção de significações e representações do imaginário. Como chama atenção Ansart(1978), aqui citado por Romanello(1998):

[...] nenhuma sociedade é redutível aos seus motivos físicos e materiais; é de uma urgência essencial e constitutiva da prática que essa se realize numa teia de sentidos que ultrapassa a segmentação dos gestos, dos indivíduos e dos instantes. Do mesmo modo, toda sociedade cria um conjunto coordenado de representações, um imaginário através do qual ela se designa e se reproduz e que designa em particular o grupo a ele mesmo, distribui as identidades e os papéis, expressa as necessidades coletivas e os fins a alcançar. (ANSART, Pierre, 1978, apud ROMANELLO, 1998, p. 13-14).

A decisão de se trabalhar com imagens esteve fortemente ligada ao potencial de captura da subjetividade e simbolismo do momento para construção de uma realidade. Com intuito de identificar a relação estabelecida com a Lagoa Central e sua praia, e as representações sociais envolvidas nesse processo, decidi trabalhar com um grupo de imagens produzidas na Cidade de Lagoa Santa desde a década de 1970. Esse grupo é constituído por 5 imagens produzidas sobre o contexto da praia artificial em Lagoa Santa, sendo obtidas e reunidas através do acervo do Centro de Arqueologia Annette Laming Emperaire, acervo da Prefeitura Municipal de Lagoa Santa, e de acervo pessoal de Demóstenes de Sales e Anna Lúcia.

O uso de imagens pode dizer muito sobre uma sociedade e suas demandas, sejam elas culturais políticas ou econômicas, como chama atenção Lima (1998), citado por Romanello(2006) :“(...) A explicação espacial da cultura e da política, das relações sociais pode ser percebida, e isso é uma coisa que a fotografia capta mais e melhor do que qualquer outra fonte de informação que pode sair da fotografia.” (LIMA, Ivan. 1988, p. 17-18 apud ROMANELLO, 2006, p.16).

### 2.1.3 O Potencial da História Oral na Percepção das Representações Sociais

A história oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea, que surgiu em meados do século XX e vem ganhando força. Ela consiste na elaboração e realização de entrevistas abertas com indivíduos que participaram ou testemunharam determinados eventos ou fatos no passado.

Essa linha de pesquisa tem se desenvolvido embasada pela capacidade de registrar a vivência de grupos cujas histórias eram dificilmente estudadas. Se abriu a possibilidade para se repensar a existência de várias histórias dentro da história, ou seja, a possibilidade de considerar as representações e significações em relação a determinados grupos ou contextos estudados, como chama atenção Salvatici aqui citada por Alberti (2005):

Essa riqueza da história oral está evidentemente relacionada ao fato de ela permitir o conhecimento das experiências e modos de vida de diferentes grupos sociais. Nesse sentido o pesquisador tem acesso a uma multiplicidade de "histórias dentro da história", que dependendo de seu alcance e dimensão, permitem alterar a "hierarquia de significações historiográficas".(SALVATICI, Silvia, 2005 apud ALBERTI, 2005 p. 166).

A história oral então abre uma grande variedade de multiplicidades que podem ser consideradas dentro de uma pesquisa, tendo capacidade de entender e considerar os vários e diversos agentes e grupos envolvidos em um determinado evento, que abre muitas possibilidades. Reconhecendo diversos agentes envolvidos para compreensão de determinados eventos, a história oral traz a capacidade de contradizer as generalizações e fornecer o que chama de "mudança de perspectiva", como também comenta Alberti (2005):

A história oral é hoje um caminho interessante para se conhecer e registrar múltiplas possibilidades que se manifestam e dão sentido a formas de vida e escolhas de diferentes grupos sociais, em todas as camadas da sociedade. Nesse sentido, ela está afinada com as novas tendências de pesquisa nas ciências humanas, que reconhecem as múltiplas influências a que estão submetidos os diferentes grupos no mundo globalizado. (ALBERTI, 2005, p.164).

Justamente por trabalhar com o subjetivo ela estabelece conexões entre as áreas de estudos podendo fornecer importantes informações a cerca das percepções sobre os processos culturais e sociais envolvidos na época. Entender como determinado evento é percebido por determinados grupos, implica em compreender as significações e representações sociais assumidas pelos mesmos, justamente o que buscamos trabalhar nessa pesquisa em conjunto com fontes iconográficas.

As práticas em torno da história oral sofreram inicialmente um forte preconceito em relação a desconfiança da validade do método, a entrevista em si dotada de subjetividade, não poderia ser tomada como fonte, porém essas percepções também mudaram, como relata aqui Alberti (2005):

No início grande parte das críticas que o método sofreu dizia respeito justamente as "distorções" da memória, ao fato de não se poder confiar no relato do entrevistado, carregado de subjetividade. Hoje considera-se que análise das "distorções" pode levar à melhor compreensão dos valores coletivos e das próprias ações de um grupo.(ALBERTI, 2005, p.166).

O reconhecimento da memória como parte da identidade e de valores coletivos assumidos por determinado grupo, ajuda a compreender as significações e representações assumidos pelos mesmos, sua visão em relação a determinado evento que ocorreu irá influenciar na sua posição em relação a tal evento e nas decisões do presente.

Pelo fato de captar tão bem a subjetividade e as representações assumidas por diversos atores do passado, a história oral aqui se encaixa como uma base para compreensão de relações e valores assumidos antigamente. Sendo utilizada como fonte de pesquisa e base para melhor análise e consideração do contexto histórico almejado, auxiliando na compreensão das representações sociais construídas em determinado momento histórico e presentes nas fontes iconográficas e possibilitando o entendimento das práticas desenvolvidas historicamente na Lagoa Central.

## 2.2 Método

O método a ser desenvolvido no trabalho leva em consideração a análise de um grupo de imagens produzidas na cidade de Lagoa Santa datadas de 1970 até o

final da década de 1980 e o desenvolvimento e análise de entrevistas abertas com pessoas-chaves envolvidas com a Lagoa. Pretendo assim fazer uma breve revisão bibliográfica, e um levantamento de informações sobre as relações em torno da Lagoa Central e seus impactos ao longo dos anos, tomando como base alguns trabalhos desenvolvidos na região. A idéia é desenvolver uma análise crítica das imagens estudadas, de depoimentos e entrevistas de antigos moradores e pessoas-chaves envolvidas, tentando perceber a construção e a representação de significações, e como essas influenciaram na configuração de determinadas relações e impactos no uso da Lagoa Central e da praia artificial.

As fotografias como já ressaltamos trabalham com a construção de realidades e de representações, e sempre estiveram carregadas de intencionalidade, como chama atenção Kossoy:

Apesar de o próprio tema “desenhar-se a si mesmo”(nesta superfície) mantendo elevado grau de semelhança na sua “auto”-representação, o artista não se viu dispensado de reger o ato; de comandar o processo de criação com o objetivo que tinha em mira: obter uma representação visual de um trecho, um fragmento do real. Toda fotografia tem sua origem a partir do desejo de um indivíduo que se viu motivado a congelar a imagem em um dado aspecto do real, em determinado lugar e época. (KOSSOY, 2001, p.35-36)

As imagens capturam fragmentos do real, formadas assim a partir de intencionalidades e com forte influência de fatores culturais e ideológicos, o fotógrafo como chama atenção Kossoy, opera como uma espécie de filtro cultural, capturando, selecionando e congelando no tempo um testemunho.

Toda fotografia foi produzida com uma certa finalidade. Se um fotógrafo desejou ou foi incumbido de retratar determinado personagem, documentar o andamento das obras de uma estrada de ferro, ou os diferentes aspectos de uma cidade, qualquer um dos infinitos assuntos que por uma razão ou por outra demandaram sua atuação, esses registros - que foram produzidos com uma finalidade documental - representarão sempre um meio de informação, um meio de conhecimento, e conterão sempre seu valor documental, iconográfico. Isso não implica, no entanto, que essas imagens estejam despidas de valores estéticos. (KOSSOY, 2001, p.47-48).

A fotografia tem uma realidade própria que não corresponde necessariamente à realidade que envolveu o assunto, objeto do registro, no contexto da vida passada. Trata-se da realidade do documento, da representação: uma segunda realidade, construída, codificada, sedutora em sua montagem, em sua estética, de forma alguma ingênua, inocente, mas que é, todavia, o elo material do tempo e espaço representado, pista decisiva para desvendarmos o passado. (KOSSOY, 1999, p. 22).

Desse ponto de vista as imagens operam na construção do que, segundo Kossoy, seria de uma "segunda realidade" capturada e moldada aos olhos do fotógrafo operante, elas são fragmentos selecionados de uma realidade, que ocultam e expõe os fatos da forma conveniente. Como relata Kossoy: "A segunda realidade é a realidade do assunto representado, contido nos limites bidimensionais da imagem fotográfica, não importando qual seja o suporte no qual esta imagem se encontre gravada." (KOSSOY, Boris, 1999, p.37).

O trabalho com imagens deve então ser cuidadoso, reconhecendo a importância de se fazer uma análise que leve em consideração todo o contexto. Por isso decidi aqui trabalhar a história oral, com a finalidade de elucidar um contexto mais amplo percebendo as representações em torno do assunto e compreendendo melhor as realidades e relações em torno do evento, como chama atenção Kossoy:

Assim como as demais fontes de informação históricas, as fotografias não podem ser aceitas imediatamente como espelhos fiéis dos fatos. Assim como os demais documentos elas são plenas de ambigüidades, portadoras de significados não explícitos e de omissões pensadas, calculadas, que aguardam pela competente decifração. Seu potencial informativo poderá ser alcançado na medida em que esses fragmentos forem contextualizados na trama histórica em seus múltiplos desdobramentos (sociais, políticos, econômicos, religiosos, artísticos, culturais enfim) que circunscreveu no tempo e no espaço o ato da tomada do registro. Caso contrário, essas imagens permanecerão estagnadas em seu silêncio: fragmentos desconectados da memória, meras ilustrações "artísticas" do passado. (KOSSOY, 1999. p 22).

Em função do que foi colocado consideramos a fotografia, antes de mais nada, como uma representação a partir do real. Entretanto, em função da materialidade do registro, no qual se tem gravado na superfície fotossensível o vestígio/aparência de algo que se passou na realidade concreta, em dado espaço e tempo, nós a tomamos, também, como um documento do real, uma fonte histórica. O documento fotográfico, entretanto, não pode ser compreendido independentemente do processo de construção da representação, em que se originou. (KOSSOY, 1999. p 31).

Devemos levar em consideração todas essas questões ao se trabalhar com as imagens, pois não podemos compreendê-las separadas das dinâmicas e contextos em que as mesmas foram produzidas. Reduzir a análise a um determinado fragmento da realidade, como as imagens, seria desconsiderar todo um contexto, e limitar a ideia de realidade dentro do que foi construído e capturado pelo fotógrafo, poderíamos assim estar fazendo uma interpretação generalizada, ignorando as diferentes relações e dinâmicas culturais e sociais em torno do lugar.

Por esse motivo é necessário, e pretendo aqui, trabalhar com o levantamento do máximo de informações referentes ao contexto da praia artificial, a partir da coleta de entrevistas e documentos públicos.

A história oral entra aqui como uma segunda fonte ao método, serão desenvolvidas entrevistas abertas e semi abertas com pessoas chaves envolvidas com a praia, inclusive com o autor das fotografias (depoimentos orais, escritos da época, também serão utilizados) para assim possibilitar o entendimento de todo um processo de construção das representações sobre a praia artificial e a Lagoa, revelando as diferentes relações em torno do local e os seus impactos.

Ao se trabalhar como método de pesquisa da história oral para elucidação do contexto histórico das práticas em torno da Lagoa Central temos que levar em consideração algumas orientações e diretrizes pertinentes para o seu uso de forma correta. Vários equívocos são cometidos em pesquisas que tomam a história oral como fonte. Com intuito de evitá-los levantamos aqui algumas observações e orientações necessárias.

O trabalho com a história oral toma os relatos das entrevistas como fonte de estudos, porém tais relatos não são a "história" em si, eles devem ser interpretados e analisados como todas as outras fontes levando em consideração todo o contexto de produção dessas entrevistas inclusive o fascínio da experiência vivida pelo entrevistado. Como relata e chama atenção Alberti (2005): "Esse mérito reforça a responsabilidade e o rigor de quem colhe, interpreta e divulga as entrevistas, pois é preciso ter claro que a entrevista não é um "retrato" do passado. "(ALBERTI, 2005, p.170)

A preparação das entrevistas e escolha dos entrevistados leva em consideração a busca por atores de influência de diferentes grupos em relação a praia artificial. Levamos em consideração toda a história de vida do entrevistado elaborando um roteiro de entrevista geral e um roteiro individual sendo determinado de acordo com cada indivíduo a ser entrevistado (Ver anexo 1).

Devem ser consideradas todas as questões em relação ao contexto de produção das entrevistas, e dos entrevistados, escolhendo pessoas chaves envolvidas com a praia artificial: como atores públicos, moradores tradicionais e mais recentes na época, e turistas.

Foram desenvolvidas entrevistas com 4 pessoas, escolhidas de acordo com sua posição em relação ao evento estudado. As entrevistas foram feitas mediante apresentação do trabalho e da pesquisa a ser desenvolvida, foi fornecida autorização pelo entrevistado do uso de tais informações e depoimentos, foram utilizados equipamentos de gravação de áudio para coleta de informações. Tais entrevistas foram transcritas de acordo com os roteiros seguidos para elaboração das mesmas.

Os roteiros de entrevistas seguem anexos ao trabalho, sendo os mesmos divididos em três momentos. Os dois primeiros fazem parte de um roteiro geral: Um com informações básicas e sobre a história de vida do entrevistado, outro com as lembranças e relação pessoal com a praia. E o último um roteiro individual que variou de acordo com as motivações que levaram a escolha do entrevistado.

O primeiro entrevistado é Demóstenes de Sales, Engenheiro Civil natural de Lagoa Santa, sua escolha está principalmente ligada ao fato de ser autor de algumas das fotos a serem analisadas no trabalho, podendo assim oferecer informações a cerca de suas motivações, intenções ao capturar as imagens. É um morador de Lagoa Santa que estabeleceu contato direto com praia artificial.

A segunda entrevistada é Dona Romildes, moradora tradicional da cidade (tradicional aqui é tomado apenas como sinônimo de antiga, que experenciou todo o processo abordado enquanto adulta), sua escolha está ligada ao fato de que ela é uma moradora antiga, tendo conhecimento das diversas crenças em torno da Lagoa e das relações estabelecidas pelos moradores anteriores a praia.

A terceira pessoa é Rosângela Albano Silva, atualmente gerente do Centro de Arqueologia Annette Laming Emperaire, formada em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais e especializada em Arqueologia Pré Histórica, Rosângela participou do conselho de Meio ambiente (CODEMA) durante os anos 80, tendo uma relação direta com as questões ambientais no município além de ser funcionária municipal desde então, podendo fornecer informações de importância sobre as representações e relações institucionais.

O quarto entrevistado é Procópio de Castro, morador de Belo Horizonte, atual presidente do subcomitê do Ribeirão da Mata e mobilizador do Projeto Manuelzão/UFMG, conselheiro da Área de Preservação Ambiental (APA) Carste de Lagoa Santa e do Parque do Estadual do Sumidouro, ele contribui aqui com a

percepção do turista em relação a cidade e a praia, relatando com um depoimento sobre sua breve visita a praia na década de 80.

Esse trabalho com a história oral pode oferecer diferentes possibilidades e perspectivas sobre um mesmo evento, considerando os diversos agentes e grupos envolvidos na questão, o que evita uma possível generalização, além de abrir o diálogo direto com as representações sociais e significações construídas.

Sendo assim as diversas fontes iconográficas e orais são base de análise para compreensão da historicidade das práticas em torno da Lagoa Central. Através dessa análise podemos perceber melhor as relações e representações construídas em torno da Lagoa Central e da praia e assim compreender melhor as diferentes formas de apropriação e uso do lugar em determinada época.

## 3.0 DESENVOLVIMENTO

### 3.1 Consideração de estudos sobre a Lagoa Central e praia artificial

Existem diversos estudos que tomam como objeto de pesquisa a região da Lagoa Central de Lagoa Santa e seu meio ambiente, esses estudos comprovam as mudanças em torno do ecossistema natural da Lagoa, em função da ação antrópica e processo de ocupação. Em uma monografia desenvolvida por Heloisa Cristina Delfina em 2002, se propõe a análise do uso de terra no município através da observação de mapas temáticos em três datas diferentes: 1954, 1977, 1989. Esse estudo conclui e observa a substituição gradativa ao longo dos anos de áreas de vegetação natural por pastagens e pelo uso urbano. A autora chama atenção:

Desta forma pode-se concluir que, em 1954, o município de Lagoa Santa tinha como principal fonte de cobertura vegetal o campo cerrado e que o principal uso do solo era voltado para atividades de cultura e/ou pastagem.

Em 1977, a expansão urbana e as atividades antrópicas incidem sobre a vegetação nativa. Nesta época surgem as primeiras áreas de reflorestamento, e as áreas de solo exposto aumentaram muito devido ao uso da terra.

Em 1989, grande parte da vegetação é substituída pelo uso do solo urbano. Nesse período, a expansão urbana vinha acelerando, tendo como uma das principais causas a construção do Aeroporto de Confins. (DELFINA, 2002, p 28).

Podemos observar então que a ocupação do solo no município passou por grandes transformações. O processo de urbanização e expansão do município fez com que áreas de vegetação natural fossem perdendo espaço para loteamentos. Com o tempo, a construção do aeroporto internacional e a ampliação das vias de acesso ao município contribuíram para esse processo de intensificação dos loteamentos e condomínios, como também relata a citada autora:

O uso e ocupação da terra de Lagoa Santa na Década de 50 e 60 eram voltados para prática de culturas principalmente de abacaxi. A década de 70 é marcada por um acelerado crescimento populacional, essas culturas foram cedendo lugar para loteamentos. Com a construção do Aeroporto Internacional Presidente Tancredo Neves, em Confins, abriram novas rodovias e outras foram duplicadas. Ao longo desses eixos de circulação surgiram loteamentos, em sua

maioria de classe baixa. Na década de 80, a expansão urbana aumenta consideravelmente; fazendas antigas são transformadas em loteamentos, surgindo também os condomínios de luxo e sítios para o lazer. (DELFINA, 2002, p. 9).

A perda de qualidade de vida em consequência do grande aumento de população nas grandes metrópoles incentiva a busca pela casa de fim de semana e por lugares mais calmos e próximos a natureza pela elite de Belo Horizonte (BH), sendo também um fator de contribuição para o surgimento de diversos condomínios e loteamentos, fato observado em BH a partir de 1960 como relata Regina Duarte:

Alguns empreendimentos surgiram em fins dos anos 1950, mas a avidez pelas últimas áreas verdes com ar puro, silêncio e nascentes cristalinas, incrementou o número de lançamentos nos anos de 1970. (DUARTE, 2014 p. 164-165).

Outros diversos estudos abordam a Lagoa Central como foco, trazendo várias informações acerca de seu ambiente através de análises morfométricas e limnológicas da Lagoa Central. Esses estudos identificam diversas características em torno da Lagoa Central. Tais estudos, como o de Brighenti (2011) identificaram os parâmetros morfométricos da Lagoa revelando sua profundidade em diversos pontos através de mapas. Identificando pontos de grande assoreamento na Lagoa Central

Em 2009 Brighenti através de uma avaliação limnológica da Lagoa já havia ressaltado tal ponto:

O estudo foi capaz de identificar claramente a existência de uma região muito rasa, onde possivelmente exista um intenso processo de assoreamento. Os autores sugerem aos gestores municipais que seja feito o monitoramento periódico dessa região com vistas ao seu comprometimento com a entrada de sedimentos. (BRIGHENTI, 2009, p. 34).

Em 1969, houve a construção de um vertedouro de concreto vertical e o nível do lago foi elevado em até um metro, destruindo a vegetação natural das margens, provocando o solapamento das mesmas e bloqueando a migração de peixes jovens do córrego do Bebedouro para o lago, em busca de refúgio e alimento. (BRIGHENTI, 2009, p. 15).

A praia artificial pode ter contribuído fortemente para esse assoreamento, chamo atenção aqui para o fato da construção do vertedouro em 1969, fato que condiz em relatos com o surgimento da praia artificial. Brighenti, (2009) também chama atenção para as mudanças nas características da Lagoa:

As mudanças nas variáveis físicas e químicas foram acompanhadas por mudanças na composição das comunidades aquáticas da lagoa. A perda de diversidade foi verificada tanto para a fauna bentônica, quanto para a ficoflórula e para a ictiofauna. (BRIGHENTI, 2009, p.17).

Através da análise de cianobactérias na Lagoa Central, Figueiredo (2007) conclui que:

O presente estudo apresentou dados limnológicos que reforçaram as sugestões a respeito da lagoa central de Lagoa Santa encontrar-se atualmente em estado de degradação. Os dados referentes às concentrações de nutrientes e biovolume fitoplanctônico apontam para características mesotróficas, ou mesmo eutróficas, da água da lagoa. (FIGUEIREDO, 2007, p.104).

Esses estudos identificam então um processo de degradação na Lagoa Central com alteração do ambiente devido à ocupação antrópica, com perda de biodiversidade, poluição, assoreamento e o processo de eutrofização da mesma. Podemos observar através desses diversos estudos que a Lagoa Central vem sofrendo um processo de intensa alteração e degradação em seu meio ambiente.

Porém as diversas análises desenvolvidas não levam como ponto de reflexão as práticas sociais, e tão pouco oferecem informações a respeito da praia artificial, a maioria delas se dispõe a uma análise técnica voltada para descrição das características físicas, químicas e biológicas da Lagoa. Queremos aqui elucidar as representações sociais existentes no período de 1970 até final dos anos de 1980, identificando as diversas relações estabelecidas com o local e suas mudanças.

### 3.2 Levantamento de Documentos

Foi realizado um levantamento de documentos sobre a praia e a Lagoa Central, porém muito pouco material foi obtido, a dificuldade de se obter esses documentos se deve em geral a falta de registros pela prefeitura municipal anteriores a 1990, sendo que muitos documentos antigos se perderam.

Através do levantamento de documentos sobre a praia realizado na prefeitura municipal de Lagoa Santa e no acervo do Centro de Arqueologia Annette Laming Emperaire tive o conhecimento de alguns pontos relevantes para a pesquisa.

Um dos documentos analisados é a pauta de uma reunião ecológica (LAGOA SANTA, PREFEITURA, 1988) que ocorreu em 1988 onde se discute o estado de

conservação da Lagoa e o fechamento da praia. Segundo o documento: “A praia vinha funcionando, ultimamente em precárias condições, sem infraestrutura.” Se coloca o fim da praia em vista do assoreamento provocado pela areia que escorre ao fundo da Lagoa, levanta-se também o fato de que a praia não rende dividendos aos cofres públicos, implicando em somente prestação de serviços e custos para a prefeitura, degradação, lixo, prestação de socorro as vítimas e acidentados.

Em outro documento (FREITAS, 1994) feito por Otto Sylvio de Oliveira Freitas em 1994, na época presidente do CODEMA, chama atenção para diversos impactos da ocupação e ação humana na Lagoa Central. Segundo esse documento a subida do nível do vertedouro da Lagoa, realizada em 1969 (Brighenti,2009), acarretou uma série de fortes impactos no ecossistema local.

Com a subida do nível da água a vegetação natural junco, pertencente à região a mais de 8.000 anos foi obrigada a ficar submersa sendo afogada pela água. A perda dessa vegetação assim como a subida do nível contribuiu para o assoreamento da Lagoa, as águas começaram a solapar e desmoronar os barrancos. O fato do junco ter morrido pode ter acelerado esse processo tendo em vista que essa vegetação exercia função de mata ciliar na região (FREITAS, 1994).

Esses documentos mostram um pouco dos impactos e das relações institucionais estabelecidas com a Lagoa Central. Apesar de pouco o material se encaixa bem a pesquisa, pois identifica o momento que seria o encerramento da praia, chamando atenção aqui para seus impactos não só biofísicos, mas culturais e sociais. A praia era uma forma de lazer desfrutado por camadas mais populares, carregada de preconceitos por outras camadas e agentes envolvidos, um turismo de baixo custo, acarretando diversos impactos e alterações no ecossistema local. Com o tempo a visão de contraposição à praia ganhou força se baseando muitas vezes em seus impactos no ecossistema local, mas também em relação às formas de apropriação e as populações que exerciam esse turismo.

### 3.3 Análise de Imagens

As imagens utilizadas foram produzidas sobre o contexto da praia artificial nas décadas de 70 e 80. Tive acesso a elas por meio do acervo do Centro de

Arqueologia Annette Laming Emperaire (CAALE), da Prefeitura Municipal de Lagoa Santa, e de dois acervos pessoais.

Foram desenvolvidas entrevistas com o fotógrafo Demóstenes de Sales, acerca das motivações que o levaram a capturar tais imagens. O entrevistado é natural de Lagoa Santa e formado em engenharia civil pela UFMG, ele relatou um pouco de suas experiências com Lagoa e a Praia, sendo frequentador da mesma.

Acerca das motivações que o levaram a fotografar Demóstenes relata que fazia por gosto e registro, nas palavras do próprio entrevistado "eu gosto, sou engenheiro civil, mas toda vida eu gostava de fotografar, inclusive na época estava fazendo uma piscina olímpica para o banco do Brasil em Manaus, e ia muito a Manaus naquela época de obra e comprava máquinas fotográficas, então sempre tive uma veia por gostar de fotografar". A relação do autor das imagens com a praia é de admiração, apesar de apontar algumas das consequências negativas da mesma. O entrevistado demonstrou apreço pela praia artificial, porém não soube precisar o ano em que cada uma das fotos foi produzida, fornecendo informações apenas acerca da década. A primeira imagem a ser analisada é de sua autoria, reconhecida pelo mesmo como início da década de 1970.

#### IMAGEM 1



Fonte: Acervo pessoal Demóstenes de Sales

Essa imagem (1) retrata o início dos anos de ouro da praia artificial em Lagoa Santa, segundo relatos das entrevistas são nesses anos do início de 1970 que se inicia o movimento da praia. Como podemos perceber a praia atraía um grande público de turistas, aqui podemos observar inclusive os ônibus usados para o transporte. Informações dos relatos e entrevistas indicam que em sua maioria era um público de baixo nível econômico que frequentava a praia, composto principalmente de turistas de Belo Horizonte e Região Metropolitana, e moradores locais. De acordo com as falas em torno da imagem podemos perceber a representação de uma cidade praiana, o clima de boêmia e lazer representados pelas práticas balneares em torno da praia, bem como pelas concepções do autor da mesma que **admirava a praia** e congelou esse momento na produção da imagem.

A segunda imagem a ser analisada também foi produzida por Demóstenes de Sales e é datada da década de 1970, possivelmente final da década.

#### IMAGEM 2



Fonte: Acervo pessoal Demóstenes de Sales

Essa imagem(2) não foi datada precisamente, tendo informações que a mesma foi produzida no final da década de 1970. Ela esta situada nos anos de

maior prestígio da praia artificial. Podemos perceber aqui um grande movimento em torno da mesma, com grande quantidade de frequentadores. A representação construída nos remete também a esse clima praiano, de turismo, lazer e tranquilidade à beira da praia. Poderíamos facilmente dizer que essa foto é de uma cidade litorânea, as representações evocadas pela mesma nos remetem a isso. Percebe-se a evocação desse clima praiano e de curtição na percepção das pessoas que faziam uso da praia, e que admiravam esse movimento. As relações em torno da praia demonstram que era um turismo de massa sem preocupações em torno das consequências ambientais.

A terceira imagem a ser analisada já se situa na década de 80, retirada de um vídeo pertencente ao acervo da prefeitura municipal de Lagoa Santa, o vídeo se inicia com uma datação de 1986 por meio de edição, porém em vista dos estudos e fatos reconhecidos, receio que o mesmo deva ter sido produzido durante o início da década de 1980. Nessa imagem ainda observamos um grande movimento em torno da praia, com grande número de turistas, e segundo os depoimentos em 1986 a praia já estava em um movimento de dissipação.

### IMAGEM 3



Fonte: Acervo CAALÉ/ Prefeitura Municipal de Lagoa Santa

As representações construídas em torno da mesma relatam essa relação de balneabilidade em torno da lagoa, a construção social de um clube natural sobre o

clima de lazer se estendiam as práticas de em torno do local. Nesse momento a praia ainda esta em pleno movimento, o que supõe que a mesma seja de um período anterior a 1986, pois a partir de 1985 o movimento da praia já passa a se reduzir até acabar. Podemos dizer então que essa imagem talvez se situe nos últimos tempos de grande movimento da praia artificial em Lagoa Santa. As representações que vigoram são as de um paraíso artificial para o lazer e curtição.

A quarta imagem é de acervo do Centro de Arqueologia Annette Laming Emperaire, sua datação não especifica o ano em que a mesma foi produzida, apenas o período, reconhecido como início da década de 1980.

#### IMAGEM 4



Fonte: Acervo CAAL/ Prefeitura Municipal de Lagoa Santa

Ainda se observa um forte movimento em torno da praia, pessoas tomando sol e contemplando o clima praiano. As representações evocadas pela areia e

palmeiras nos remetem ao clima tropical praiano, e ao lazer sob a luz do dia, o passeio de bicicleta, o ato de tomar sol a "beira-mar", a contemplação da natureza e do ar livre.

Percebemos claramente que o movimento e número de pessoas parece menor, porém essa imagem ainda se situa em um tempo onde a praia ainda tinha um considerável movimento. De acordo com depoimentos e entrevistas e documentos coletados foi justamente no início da década de 80 que se iniciam as críticas e movimentos contra a praia, reflexo principalmente dos impactos sociais de tal movimento, como inchaço da cidade, aumento de crimes aos fins de semanas, afogamentos na Lagoa, assaltos.

Outro fator que contribuiu para o início de movimentos e percepções contra a praia esteve ligado ao aparecimento de Esquistossomose nas águas da Lagoa Central. Popularmente conhecida como Xistose, a Esquistossomose é uma doença infecciosa parasitária causada por vermes do tipo *Schistosoma mansoni*. Sua forma intermediária se desenvolve em caramujos do gênero *Biomphalaria* onde os ovos passam a forma larvária (cercária) e são depositados na água. A transmissão é feita através do contato com águas superficiais contaminadas, o parasita penetra através do contato na pele atingindo o fígado e outros órgãos do hospedeiro.

Sem dúvida as questões de saúde pública e o surgimento de uma consciência ambiental em torno da situação da Lagoa reforçaram tais posicionamentos e movimentos. Outro ponto importante para consolidação desse movimento, que foi principalmente por parte do poder público, é a criação de um Conselho de Meio Ambiente no Município de Lagoa Santa, o que acontece por volta de 1983. A partir desse ponto já começam as mudanças em relação à visão sobre a praia, e as restrições quanto a esse movimento.

Segundo Rosângela Albano, ex-presidente do Conselho e membro do mesmo na época, o início de uma "consciência ambiental" e fundação do conselho foram os principais difusores desse movimento. A partir daí já começam os esforços por parte do poder público para por fim a praia artificial.

A quinta imagem a ser analisada é da autoria da fotógrafa Anna Lúcia, datada no ano de 1985:

## IMAGEM 5



Fonte: Acervo Pessoal Anna Lúcia/Acervo CAALE

Nesta imagem(5) podemos perceber um público reduzido na praia em relação as demais, nesse período de 1985 o movimento contra a praia e as proibições já estavam em pleno andamento. Aqui ainda vigora uma idéia de lazer ao ar livre e uso do espaço para prática de esportes náuticos e contemplação. Era intenso o uso de caiaques e o movimento dos bares da beira da Lagoa, mas já vinham diminuindo a partir dos anos anteriores.

Segundo Rosângela Albano seria esse um dos pontos finais de utilização da praia. Desde 1983 já não se colocavam mais caminhões de areia para manutenção da mesma, e com o tempo o uso foi diminuindo até ser proibido de fato. Rosângela relata que foi uma luta da Prefeitura com os comerciantes da orla da Lagoa, que duraram alguns anos.

Segundo os documentos, as imagens e depoimentos levantados na pesquisa, a luta contra a praia começa no início da década de 1980, e vai até o fim da década. Mesmo não colocando areia para manutenção da praia, as práticas balneares em torno da mesma perduraram e se estenderam ainda por alguns anos. Em 1983 já não colocavam mais areia, porém como observado em um documento de pauta da reunião ecológica, só em 1988 acabam de fato com a praia e proíbem o uso.

### 3.4 Análise de Entrevistas

Iniciamos a análise de entrevistas com a entrevista de Demóstenes de Sales. Sua escolha está ligada ao fato de que ele é autor de algumas das fotografias utilizadas no trabalho e foi alguém que estabeleceu um contato direto com a praia artificial. Primeiramente discorro sobre algumas informações acerca do entrevistado: ele é natural de Lagoa Santa, tem 71 anos, é formado em engenharia civil pela Universidade Federal de Minas Gerais, e atua em tal profissão. O entrevistado é uma pessoa de nível cultural e social alto, envolvido com a praia artificial. É perceptível nas falas do mesmo sua admiração pela prainha local onde ele teve bons momentos, falando um pouco de sua experiência como frequentador da lagoa e da praia. Quando questionado sobre as lembranças ruins que tinha do local o mesmo disse que não havia lembrança ruim da praia, o que já demonstra essa relação de admiração e gosto pela mesma.

Em vista das imagens e percepções sobre o contexto, a entrevista de Demóstenes de Sales trouxe algumas informações consideráveis. Dentre elas inclusive alguns dos impactos da praia, que já haviam sido ressaltados nos documentos encontrados, como a interrupção do ciclo da piracema e o processo de assoreamento das encostas da Lagoa, que ocorreu com a subida e construção do vertedouro onde a mesma dá vazão em direção ao Rio das Velhas.

Outro ponto interessante no depoimento de Demóstenes está relacionado às práticas que levaram ao surgimento da praia. Demóstenes afirma que a mesma foi resultado do enchimento da Lagoa após a construção do vertedouro, e com a subida de nível da Lagoa, a água ficou próxima da orla onde as pessoas teriam começado a nadar. Ele afirma que essa subida do nível da Lagoa foi resultado de uma seca que houve na década de 60, período que segundo ele uma draga foi contratada para retirar terra da Lagoa, o que foi de fato confirmado por outros entrevistados. Nessa retirada de terra o nível da Lagoa desceu ainda mais, e a construção do vertedouro para estancar o ponto de vazão dela e aumentar seu nível foi vista como opção para evitar novos períodos de grande seca. A lagoa desde então está muito acima de seu nível normal, ela é formada pela captação da água da bacia, e com a construção e

subida do vertedouro (seu único ponto de vazão) ela normalmente aumentou seu nível, semelhante ao que acontece em uma barragem.

Essa subida de nível segundo o entrevistado trouxe impactos também para os moradores da Várzea, um bairro próximo a orla da Lagoa, que em épocas de chuva ficava alagado. Segundo depoimento de Dona Romildes moradora antiga do bairro, eles tinham que abrir a vazão do vertedouro quando isso acontecia. Demóstenes coloca o aparecimento de Xistose e as questões de saúde pública como principais fomentadores do fim da praia.

O entrevistado também discorre brevemente sobre alguns dos impactos da construção da praia, e da subida do nível da Lagoa no ambiente local, como o assoreamento dos barrancos e encostas pelo solapamento da água. Outro ponto interessante da entrevista é o que o entrevistado relata a manutenção da praia artificial. Essa era feita através da colocação de caminhões de areia na Lagoa Central, nas palavras do próprio entrevistado: "jogavam caminhões de areia artificial, a praia foi criada com a extensão da ocupação da lâmina d'água, que foi até próximo dos restaurantes. Jogaram ali, acredito que uns 100 a 200 caminhões de areia, tinham que dar a manutenção de dois em dois anos por que a própria água com movimento puxava". Essa manutenção provavelmente acelerou um processo de assoreamento na Lagoa.

Demóstenes se mostrou prestativo, apesar de não saber precisar alguns dos pontos a serem investigados, bem como as datas de algumas das fotos, em alguns momentos ele demonstrou estar sem muita referência temporal e precisão das falas. O posicionamento do entrevistado revela sua participação em um grupo de moradores da cidade de nível econômico mais elevado que admiravam e usufruíam da praia e de seu turismo, sem maior preocupação com os desdobramentos e impactos desse movimento de apropriação e utilização da praia naquela época. Sua relação de admiração e a lembrança de "um tempo bom" reforçam as representações de exaltação da praia e dessas relações a beira-mar como algo que exaltava beleza da Lagoa e que foi positivo para a cidade.

A segunda entrevistada foi Romildes Gonçalves Batista. Sua escolha foi devido a sua posição como moradora antiga da cidade de Lagoa Santa, contribuindo com uma visão e percepção sobre as práticas em torno da Lagoa antes da construção da praia artificial. Dona Romildes é moradora tradicional do Bairro

Várzea, ela é natural de Lagoa Santa e tem 79 anos de idade, concluiu até o nível primário da escola, ela relatou um pouco de sua infância na região, falando da relação com a lagoa, que brincavam ali quando crianças buscavam água para consumo e lavavam roupas na mesma. Dona Romildes afirma que a vegetação da Lagoa era outra naquele tempo.

Em relação as lembranças da praia Dona Romildes não estabelece relação direta com o local como frequentadora, ela comenta do grande movimento em torno da mesma, a chegada dos ônibus cheios de turistas e levanta alguns pontos importantes na relação do morador local com a Lagoa Central. Quando questionada sobre sua melhor lembrança da praia ela respondeu: "Não tenho por que não frequentava, eu via o pessoal chegando. Eu frequentei na época que a gente era criança, que a lagoa tinha o junco, ela era muito bonita... tínhamos aquele tanto de plantas aquáticas e cresci nesse ambiente, a gente buscava água na lagoa na época por que não era todo mundo que podia ter cisterna".

Ela demonstra que existia uma relação anterior a praia artificial onde a Lagoa era utilizada para retirada de água, lavagem de roupas e pesca. Apesar de não ter relação como frequentadora e usuária da praia Romildes afirma que muitos moradores locais também frequentavam a praia.

Outro ponto interessante relatado pela entrevistada foi a confecção do artesanato de junco, vegetação que na época era abundante. Segundo a entrevistada eram confeccionadas esteiras de juncos feitas pelos moradores nos teares e levadas para serem vendidas no mercado central de Belo Horizonte. Sobre as palavras da própria entrevistada: "as pessoas atravessavam a lagoa por que tinha um lugar que o junco era mais profundo e ele era mais comprido, elas enchiam o barco e vinham remando até a praia (beira da lagoa) depois deixavam no sol pra secar e faziam as esteiras".

Romildes também comenta da chegada de uma elite em Lagoa Santa, em um movimento de turismo que antecedeu a praia, essa elite ocupou fortemente a região da praia do Boschi (região da orla da Lagoa Central próxima ao Bairro Joana Darc, ver MAPA 2) na orla da Lagoa com suas mansões e construiu os seus trampolins para uso particular, eles eram inclusive trancados. Ela também relata que a praia surgiu anos depois e que essa elite não frequentava a mesma.

Ela relata as transformações nessa relação do morador local com o passar do tempo, segundo ela com a subida de nível da Lagoa que ocorreu na década 1960 (segundo documento analisados no ano de 1969 com a construção do Vertedouro) é que essa relação foi se modificando. Segundo ela, a partir daí o junco foi desaparecendo, o que pode ser visto como reflexo dessa subida de nível, onde ocorreu seu afogamento, como relata documento em análise produzido por Otto Sylveira anteriormente citado. Com a construção da praia a relação do morador local foi mudando; como afirmou a entrevistada, esse grupo frequentava também a praia artificial, porém quando acaba essa forma de apropriação e turismo, Romildes fala que quase ninguém saía mais para buscar fazer algo na Lagoa.

Em relação ao fim da praia a entrevistada fala sobre o problema de saúde alarmado pelo aparecimento da Xistose (Esquistossomose), mas levanta que os aspectos sociais, devido aos impactos da presença de um grande número de pessoas de fora da cidade, influenciaram também essa tomada de decisão.

Nas lembranças da entrevistada podemos perceber sua relação de pertencimento e vínculo com a Lagoa que precederam a apropriação turística do local. Em relação à praia, quando questionada sobre as imagens, Romildes respondeu que remetem a um tempo na Lagoa que foi aproveitado por muitos, ela também comenta sobre os aspectos negativos relacionados a bebida e afogamentos na mesma. Sua entrevista mostra uma lembrança boa da praia, mas também uma visão negativa desse turismo popular.

A terceira pessoa a ser entrevistada foi Rosângela Albano Silva. Natural de Lagoa Santa, sua família possui uma fazenda nos arredores da cidade, porém ela se muda de fato para o município em 1984. Rosângela é formada em filosofia pela UFMG com especialização em arqueologia pré-histórica, ela tem 65 anos de idade e atua como gerente e arqueóloga no Centro de Arqueologia Annete Laming Emperaire em Lagoa Santa. Sua escolha esteve ligada ao fato de que ela é uma servidora pública antiga do município, participou da criação do conselho de meio ambiente na cidade, sendo membro deste durante anos, podendo fornecer uma visão da participação e do posicionamento do poder público em relação a praia artificial.

Em relação as suas primeiras lembranças da praia artificial Rosângela afirma que tinha lembrança de ouvir falar, de passar na cidade e ver o movimento, e os

muitos ônibus que vinham. Rosângela tem uma fazenda nos arredores da cidade e sempre passava por lá na época. Em 1983 ela já trabalhava no município e participou da criação do Conselho Municipal de Desenvolvimento Ambiental, no qual esteve à frente por alguns anos.

A entrevista de Rosângela levantou pontos pertinentes em relação ao poder público, e as tomadas de decisão assumidas pelo mesmo. Em relação ao surgimento da praia Rosângela afirma a busca do poder público por novas formas de lazer para a cidade, e um turismo que na época fazia sucesso. Nas palavras da própria entrevistada: "Precisamente acho que foi buscando uma nova forma de lazer para a cidade, por que no período dos anos 60 quando a praia foi criada, que acontece, estava o ápice do turismo para Lagoa da Prata, por que lá tinha uma lagoa que tinha uma praia e todo mundo ia pra Lagoa da Prata, então acho que isso motivou, foi um motivo de aqui a administração pública ter entendido essa questão e usado a lagoa para o mesmo fim"

Quando questionada sobre o intuito de se construir essa praia Rosângela respondeu: "Fazer uma praia, transformar a lagoa santa em uma praia mesmo, colocando caminhões de areia, enfim tudo que se encontra em uma praia, então foi construído uma praia artificial que eles achavam o máximo." Aqui Rosângela reafirma o fato de que era feita uma manutenção da praia com caminhões de areia.

Segundo Rosângela o público que frequentava a praia era de periferia de Belo Horizonte e região Metropolitana, ela também salienta que as elites que ocuparam a Lagoa nas décadas de 40 e 50 não participavam desse turismo de massa que se inicia ao final dos anos 60.

A entrevistada também relatou o surgimento dos movimentos contra a praia artificial, segundo ela a partir de 1983 a cidade ganha um novo momento político e a questão ambiental passa a ser considerada. A partir desse momento se inicia o primeiro movimento para fechamento da praia, que durou alguns anos, e que segundo Rosângela que se estende até 1985, porém os documentos indicam que o ponto final mesmo na utilização da praia se dá em 1988. Outro ponto interessante segundo a entrevistada, é que a partir de 1983 foi proibida a colocação de mais caminhões de areia na praia, o que de fato marca o início desse movimento a favor do fechamento da praia.

A entrevistada também afirma sobre os movimentos contra o fechamento da praia artificial. Segundo Rosângela esse fechamento da praia era ligado ao poder público com a equipe de meio ambiente trabalhando por trás, e o movimento contra o fechamento era por parte dos comerciantes, em especial os da orla da Lagoa.

Em relação aos impactos da praia Rosângela afirma que houve uma perda de qualidade da água da Lagoa, ela também relata a poluição e lixo deixados pelos turistas. Outro ponto de importância é em relação aos caminhões de areia que eram despejados para manutenção da praia, provavelmente aceleraram um forte processo de assoreamento. A subida do nível da Lagoa e o conseqüente solapamento e erosão dos barrancos pela água também contribuiu para esse processo.

Segundo Rosângela, na época da praia não se falavam nos impactos ambientais da mesma, a preocupação em torno do meio ambiente era muito pouca. Ela chama atenção também, para o fato de que ainda tinham pessoas que eram contra, não pela questão ambiental envolvida, mas pelos impactos sociais desse turismo, que trazia um grande número de turistas e pessoas de fora da cidade aos fins de semana e feriados.

Em relação a proibição e desativação dos trampolins e barcos a motor na Lagoa, a entrevistada afirma que foi um movimento que ocorreu após o fechamento da praia. Nas palavras da própria entrevistada: "depois que acabou com a praia iniciamos já uma campanha contra os barcos de motor, e aí foi também uma questão polêmica, por que o pessoal de casa de campo tinham as bases de entrada de barcos em suas casas, foi assim uma luta com uma classe social mais alta mais vingou também."

No geral as contribuições de Rosângela foram elucidativas, demonstrando em diversas situações o posicionamento do poder público e elucidando algumas questões em relação ao término da praia. Seu depoimento agregou pontos importantes quanto à construção da praia e as representações sociais que levaram a tal fato, principalmente por ela estar diretamente envolvida nesse movimento.

Quanto as lembranças da praia, na concepção da entrevistada, podemos perceber uma visão negativa desse movimento. Ao ver as imagens Rosângela afirmou que remetem a um tempo em que a mesma achava terrível. Sua fala demonstra uma percepção negativista desse movimento popular associada aos aspectos não só ambientais mas também sociais, fato percebido em outras falas

como as da segunda entrevistada Dona Romildes, onde associam a praia à criminalidade, uso de bebidas e afogamentos.

O último entrevistado foi Procópio de Castro, ele é natural de Marliéria, tem 59 anos de idade, mudou para região em 2002, ele é artista plástico e gestor ambiental, atualmente atua como ambientalista do Projeto Manuelzão e articulador Socioambiental. Procópio fornece dois relatos, um que conta de sua experiência como turista em Lagoa Santa, em 1980, e outro onde relata sua experiência no acompanhamento das obras de revitalização da Lagoa durante os anos 90 e 2000.

Quanto a sua experiência como turista o entrevistado relata que morava em Timóteo na época, e veio passar um domingo de Natal com a família em Lagoa Santa. Procópio relata que já havia referências de Lagoa Santa em relação a importância da região e a sua pré-história. Em relação a sua visita, o entrevistado diz que se encontra com um clima praiano na cidade, sem nenhuma preocupação em torno da questão ambiental envolvida, nas palavras do próprio Procópio: "Ó que chique vou pra Lagoa Santa, e cheguei em uma cidade praiana, nenhuma consciência do ambiental que hoje existe, e um dos lugares que nós fomos foi exatamente a praia perto dos aguadores da Lagoa".

Procópio também fala que nessa época já se comentavam sobre a existência de Xistose na Lagoa, fator que foi visto também como incentivador das práticas em torno do fechamento da mesma segundo depoimentos de outros entrevistados.

Um ponto interessante de sua entrevista é o que ele relata a produção e confecção de artesanato de junco. Nas palavras de Procópio: " os juncos eram famosos, a lagoa tinha muito junco e tinha um artesanato de junco tradicional aqui da região, que eu lembro que alguém da turma no dia inclusive comprou uma bolsa de mulher que era feita de junco da Lagoa". Isso mostra que esse artesanato de junco, relatado por Dona Romildes ainda se manteve durante alguns anos após a instalação da prainha.

Em sua outra fala ele aborda sua participação no acompanhamento das obras de revitalização da Lagoa que ocorreram nos anos 90 e 2000. Em relação a esse processo, Procópio relata que se baseia em um discurso de urbanização com viés humano e veicular, operando como via de transporte de asfalto e privilegiando o trânsito de veículos. Como relata o entrevistado em suas próprias palavras: "as pessoas não conseguem visualizar uma Lagoa ambientalmente saudável, elas

conseguem visualizar um espelho d'água com uma idéia de uso urbanístico e paisagístico de interesse ao ser humano". Em sua crítica a esse modelo assumido nos anos 90 e 2000 o entrevistado fala da necessidade de se reconhecer a fauna local na jardinagem e no paisagismo, para que essas plantas locais possam cumprir sua função ambiental.

Em sua última fala o entrevistado chama atenção para pontos importantes sobre a conservação de uma Lagoa que é urbana. Procópio relata a necessidade de ações de tratamento que busquem recuperar a qualidade ambiental da Lagoa, para que as pessoas possam usufruir da mesma e estabelecer laços de pertencimento. Falta se valorizar essa relação com a Lagoa, o que é criticado pelo entrevistado é a perda dessa relação, e a visão da Lagoa como apenas via de trânsito. Nas palavras do próprio entrevistado: "(...) acho que a conservação ambiental de uma lagoa estritamente urbana, não pode ser da exclusão das pessoas, deviam sim recuperar a qualidade de água da lagoa, não pelo tratamento químico mas pela retirada do esgoto de dentro dela, pela recuperação adequada onde você tivesse qualidade de água e qualidade ambiental para realmente as pessoas usufruírem com um pertencimento, é minha a lagoa que eu frequento, que eu gosto, que eu amo. Agora enquanto estiverem privilegiando aquele que passam de carro voando doido pra chegar do outro lado com pressa, esse nem olha pra lagoa, e se a garça estava lá se expondo, se exibindo, bela e branca, linda e pura como alma, só vão ver urubu."

## 4.0 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### 4.1 A Origem das Práticas Balneares na Europa Ocidental

Para o estudo das representações e significações em torno da praia artificial da Lagoa Central, convém fazer uma breve análise da origem e surgimento das práticas de vilegiatura, uma nova cena social que se desenvolve pelo anseio de usufruir a beira-mar.

Tais práticas surgiram na Europa Ocidental, por séculos a praia foi representada como um espaço pouco aprazível. Corbin (1989) procura entender a construção da prática de usar a praia como lugar de recreio ou férias, enquanto parte de uma mudança na representação da praia no imaginário ocidental.

Com o tempo essas práticas acabam se voltando para o modelo de vilegiatura dos spas, impulsionados pela difundida prática da casa de campo, pelo ritmo de vida e o recrutamento social, essas práticas se reforçam sob o objetivo terapêutico. Configuram o estilo de vilegiatura presente nas grandes estações balneares que surgem, voltadas a uma prática construída e teatral em torno do mar. A partir de 1820 esses grandes estabelecimentos de banho começam a surgir sob moldes de uma vida social específica.

Como comenta Corbin acerca das práticas balneares:

Esta constitui um conjunto de práticas inicialmente reduzidas às esferas concêntricas compostas pela família real, alta nobreza, os talentos ou as personalidades da moda e a *gentry*. (CORBIN, , 1989, p.286-287).

Convém sublinhar esse primado inicial da aristocracia, já que se tornou comum entre sociólogos da Europa continental analisar o ritual da vilegiatura banhar como uma réplica ao modelo aristocrático do castelo, inventada por uma burguesia desejosa de reforçar a legitimidade de seu poder através de uma encenação inédita. (CORBIN, 1989, p. 287).

Cabe aqui reconhecer e ressaltar o papel central da aristocracia e da elite na dispersão da esporádica prática de se tomar banho de mar, através de uma estrutura e equipamento destinados a um público distinto, a aristocracia tem aqui um novo local de desfile, palco do teatro social.

É um engano porém pensar que tais camadas sociais desfrutavam sozinhas do mar, com o passar das décadas, o melhoramento dos transportes e o acesso ao lazer para grandes aglomerados urbanos, impulsionados por um grande desejo de imitar os nobres as praias começaram a ser frequentadas por novas classes sociais. O desejo de escapar do calor da cidade e o anseio por obter ar fresco faz com que a massa trabalhadora vá aderindo ao longo dos anos as práticas balneares.

#### 4.2. A Origem da Praia Artificial

Podemos perceber no surgimento da praia artificial em Lagoa Santa algo semelhante ao que Corbin chama atenção na Europa Ocidental. O turismo e lazer na Lagoa inicialmente se dão por uma ocupação da elite Belo Horizontina, que a partir dos anos 40 e 50 constroem suas mansões de fim de semana na beira da Lagoa Central. Era um turismo elitizado, cheio de glamour, os moradores construíam seus trampolins que eram trancados, haviam barcos a motor e esqui aquático (IMAGEM 6). Um estilo de vida e práticas de elite que ao longo dos anos foi incorporado por um movimento popular como a praia artificial.

IMAGEM 6 - Lagoa Central década de 1950



Fonte: Acervo CAALÉ

IMAGEM 7 - Praia de Copacabana década de 1950



Fonte: Acervo Estadão (<http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,a-princesinha-do-mar-na-decada-de-50,11083,0.htm>)

É notada a apropriação de um turismo guiado pelos anseios de desfrutar as relações a beira-mar, e que se dá em Lagoa Santa inicialmente por um turismo de elite na década de 40 e 50 (IMAGEM 6). Essa visão e representação de exaltação do espaço a beira-mar já é percebida em imagens de praias na década de 50 como, por exemplo, a imagem a cima (IMAGEM 7) que retrata nessa época práticas balneares e o uso da praia de Copacabana no Rio de Janeiro.

Em relação as representações que levaram a construção da praia artificial levamos alguns pontos em consideração. A praia surgiu na mesma época que é construído o vertedouro, e é alterado o nível natural da Lagoa, em decorrência de um período de seca na década 60, tais fatos são datados em 1969 (construção do vertedouro).

Segundo depoimento de Rosângela foi uma forma de buscar um novo lazer para a cidade, influenciado pelo sucesso que na época a praia de Lagoa da Prata havia conquistado regionalmente. O poder público teve a intenção de realmente transformar a Lagoa em uma praia, jogando na época caminhões de areia para

manutenção da mesma. As representações que levaram a tais ações foram guiadas pelas concepções de lazer ao ar livre, contato com a natureza e desfrute a beira-mar, ressaltando a beleza da Lagoa, e sobre a idéia de um paraíso artificial a serviço do homem, a questão ambiental era pouco discutida em 1969. Havia um consenso em relação às representações sociais construídas que relatam um glamour em frequentar a praia, exemplo disso pode ser a fala do entrevistado Procópio de Castro onde ele afirma: " Ó que chique vou pra Lagoa Santa, e cheguei em uma cidade praiana, nenhuma consciência do ambiental que hoje existe"

O fato município ser considerado especial quanto à proteção ambiental tendo em vista sua posição geográfica, bens naturais e riqueza da biodiversidade local, limita a instalação de grandes complexos industriais, fez com que o poder público fizesse uso da praia artificial para incentivar ações de turismo com viés de arrecadação de fundos e incentivos à economia local. Esse foi outro fator que provavelmente contribuiu para construção e criação da praia artificial.

Podemos perceber aqui um pouco do surgimento e das origens das práticas balneárias em torno da Lagoa Central, como configuram inicialmente o palco de desfile da elite de Belo Horizonte e se alteram com o tempo. Como o surgimento da praia pode ser visto como uma incorporação desse movimento de balneabilidade por camadas sociais mais simples. A praia reforçada por concepções de lazer ao ar livre e contato com a natureza que vigoravam na época é vista como um paraíso por grande parte das pessoas. É um movimento onde se configura uma natureza construída com determinados propósitos, carregada de representações que exaltam o contato com mundo natural e a beleza da Lagoa.

### 4.3. O Fim da Praia Artificial

O colapso da praia ocorre a partir do início dos anos de 1980, onde se iniciam os movimentos pelo fechamento e desativação da praia artificial. Esse movimento se deu principalmente por parte do poder público, porém com apoio de algumas camadas da sociedade, que estavam incomodadas com os impactos desse movimento de massa que se forma nos anos 60.

A partir do início dessa década começam a surgir e entrar na pauta de discussão as questões ambientais, inicia-se um novo momento político com um

processo de consciência ambiental em torno da Lagoa Central, marcados inclusive pela criação do conselho municipal no qual Rosângela Albano era membro na época.

Além desse desabrochamento de uma consciência em torno dos impactos ambientais da praia, outros fatores como a questão de saúde pública, e o alarde sobre a presença da Xistose nas águas da Lagoa reforçaram tais concepções. Em 1983 param de colocar caminhões de areia para manutenção da praia, e a partir desse período se inicia uma luta para por fim a praia artificial, que já entra em declínio e tem como ponto final de sua utilização o ano 1988.

As representações que levaram a tal fato foram guiadas pela nova consciência ambiental que emergia nesse determinado momento. Porém tiveram diversos outros fatores que contribuíram para tal, os impactos sociais desse movimento era um deles. O fato de que a praia atraía um grande contingente de turistas e pessoas de fora da cidade aos fins de semana e feriados acarretava uma série de problemas como aumento dos crimes, acidente, mortes e etc. Com certeza isso foi algo que contribuiu para acabar com o movimento, junto as concepções que criavam uma visão negativa dessas populações e desse movimento por serem de origem popular.

Diversos fatores e representações sociais em torno do lugar contribuíram para o colapso da praia. As concepções e percepções em torno da questão ambiental e de saúde, e o reconhecimento de um turismo agressivo a natureza foram fatores que influenciaram diretamente nessa tomada de decisão e mudanças em relação a praia, mas não ficam atrás as questões e impactos sociais desse movimento na cidade e no espaço de uma elite.

Esse surgimento de uma preocupação em torno da questão ambiental, também guiou a luta contra os barcos a motor e os trampolins na Lagoa Central, o que aconteceu somente após o fechamento da praia artificial. Essa luta entrou em conflito com os interesses da elite que ocupava a orla da Lagoa Central com seus trampolins e mansões desde os anos 40. Nas palavras da própria entrevistada Rosângela Albano, "depois que acabou com a praia iniciamos já uma campanha contra os barcos de motor, e ai foi também uma questão polêmica, por que o pessoal de casa de campo tinham as bases de entrada de barcos em suas casas, foi assim uma luta com uma classe social mais alta mais vingou também."



## 5.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos perceber claramente as representações em torno do meio ambiente e como as mesmas configuraram diferentes percepções, relações, e transformações no mesmo. O ambiente é um conceito mutável assumindo diferentes percepções e tomadas de ação em determinados momentos e contextos.

Ficou clara a distinção entre tais representações ao longo do tempo, e o papel que elas têm em mediar essa relação entre sociedade e natureza. Como também são diferentes as representações dos diferentes agentes e grupos envolvidos com o meio ambiente e suas conseqüências. Não se pode conceber os fenômenos ambientais desvinculados dos processos sociais envolvidos em seu contexto.

Lagoa Santa usufruiu de um turismo altamente predatório, atuando de uma forma degradante sobre o meio ambiente. As percepções e representações de lazer e bem-estar ao ar livre, contato com a natureza, desfrute a “beira-mar” e fuga da cidade aos fins de semana guiaram esse turismo e transformaram uma série de relações em torno do local.

Essas representações geraram tais formas de apropriação de uma natureza construída a serviço do homem, e um turismo sem preocupações ambientais, que ao longo do tempo levaram ao colapso da praia. Tais formas de apropriação resultaram em diversos impactos e transformações no ecossistema local, o assoreamento da Lagoa pela colocação de caminhões de areia e pela erosão das encostas foi um deles. O desaparecimento do junco espécie nativa da região após seu sufocamento com a subida do nível da Lagoa foi outro, que inclusive pode ter contribuído para acelerar o processo de assoreamento da Lagoa, já que o junco exercia o papel de mata ciliar firmando com suas raízes na terra. A perda de qualidade da água é outro fator que pode ter se intensificado com a utilização da praia, pelo uso constante dos banhistas, barcos a motor com óleo, geração de resíduos e poluição. Os impactos sociais foram muitos também, com inchaço da cidade aos fins de semana subiam as taxas de criminalidade no município, havia acidentes, mortes por afogamento, assaltos.

As transformações das práticas em torno do lugar em função das representações foram muitas. Inicialmente relatada pelo uso dos moradores locais que não utilizavam da Lagoa para práticas balneares, mas para lavagem de roupas,

confeção de artesanatos de junco, retirada de água para consumo e outras práticas, que estabeleciam um vínculo direto e de pertencimento com o local. E que com o tempo guiado por representações de um espaço a beira-mar "chique" e cheio de glamour, tem a atração de um turismo de elite que se inicia por volta dos anos 1940 e 1950 com os trampolins, barcos a motor, e mansões na beira da Lagoa Central. Essas representações também guiam o surgimento de um turismo por parte de camadas populares a partir de 1969 com o início da praia artificial, um turismo de maior movimento. Pode se perceber claramente o surgimento com o tempo de uma visão negativista da praia em função de ser um turismo popular, que parecia, aos olhos de muitos, um turismo "grosseiro" ligado a criminalidade, uso de bebidas e afogamento em alguns discursos. Essas representações provavelmente contribuíram para o movimento fechamento da praia (1988), que antecede a luta contra o turismo da elite e a proibição dos barcos a motor na Lagoa Central segundo as fontes.

É perceptível que as relações de proximidade com a Lagoa vão se perdendo com tempo. Após o fim da praia houve uma quebra de relações com a Lagoa Central que não foi resgatada de outra forma. O encerramento desse turismo de massa, no qual o morador local popular também fazia parte, não trouxe nenhuma alternativa à praia como forma de se estabelecer uma relação direta com a Lagoa.

Esse encerramento da praia implica na mudança das relações em torno da Lagoa, se tem a exclusão do público popular que vinha de outras cidades, assim como uma perda por parte da população local que não estabeleceu outros vínculos diretos com a Lagoa. Hoje a relação que se tem direta com a Lagoa é pouca, os frequentadores são as pessoas que fazem caminhada, andam de bicicleta, e algumas pessoas que ainda pescam em sua orla mas são cada vez mais raros.

Com o fim da praia houve um processo de urbanização alinhado em um discurso que põe a lagoa como via de trânsito, um exemplo claro disso é o uso da faixa de acostamento como estacionamento ao invés de ciclovia. Há uma relação que favorece o espaço como ponte de acesso e trânsito das pessoas sem estabelecer nenhum vínculo e pertencimento com a Lagoa e o local. As pessoas passam pela Lagoa para chegar a seu objetivo, elas não tem a Lagoa mais como seu próprio objetivo.

O surgimento das piscinas e outras formas de lazer também contribuíram para formação desse distanciamento da população com a Lagoa Central. Há a necessidade de se resgatar essa relação, favorecendo o uso da Lagoa com um pertencimento e vínculo.

Em uma lagoa urbana como a Lagoa Central, a conservação do meio ambiente não pode acarretar na exclusão das pessoas, nem ao contrário, ambos devem atuar de forma complementar. Estabelecendo relações de vínculo e pertencimento com a Lagoa, a população pode criar uma rede que auxilie na proteção e conservação do ambiente local. Promovendo um uso consciente em torno do ambiente da Lagoa Central.

## 6.0 BIBLIOGRAFIA

ALBERTI, Verena. Fontes Orais: História dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 155-202.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

BRIGHENTI, L. **Avaliação Limnológica da Lagoa Central( Município de Lagoa Santa- MG)**: Uma Abordagem Espacial. Belo Horizonte, 2009.

BRIGHENTI, L.; MOTTA, R.; FERNANDES, J.; GONZAGA, A.V. Parâmetros morfométricos da Lagoa Central ( Lagoa Santa, Estado de Minas Gerais): comparação de duas metodologias. In: **Acta Scientiarum Biological Sciences**. Maringá, v.33, n.3, p.281-287, 2011.

CARVALHO, Ely Bergo de; SANT'ANNA, Roseli Rodrigues. Todo dia é dia de árvore: o imaginário urbano do "verde" no "Diário de Cuiabá", 1969-1992. In: GANDARA, Gercinair Silvério. (Org.). **Natureza e cidades: o viver entre águas doces e salgadas**. Goiânia: Ed. Da PUC Goiás, 2012. p. 190-213.

CORBIN, Alain. A invenção da praia. In: \_\_\_\_\_. **O Território do Vazio: a praia e o imaginário Ocidental**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 266-302.

DELFINA, Heloísa. **Análise de uso de terra do município de Lagoa Santa - Minas Gerais, através de mapas temáticos digitais**. 2002. 30p. Monografia (Especialização em Geoprocessamento) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

DUARTE, R. H. "Eu quero uma casa no campo": a busca do verde em Belo Horizonte, 1966-1976. **Topoi** (Rio J.) vol.15 n.28, p.159-186, Jan./Jun. 2014.

DUARTE, R. H.; OSTOS, Natascha Stefania. Entre ipês e eucaliptos. **Nômadias**, n. 22. p. 74-85, abr. 2005. Disponível em: < <http://nomadas.ucentral.edu.co/index.php/27-medio-ambiente-historia-y-politica-nomadas-22/376-entre-ipes-e-eucaliptos> > Acesso em: 18/5/2017 as 14:40.

FIGUEREDO, C. C. **Dominância de *Cylindrospermopsis raciborskii* (Woloszynska) Seenaya & Subba Raju na lagoa central de Lagoa Santa (MG)**. Tese (Doutorado em Ecologia, Conservação e Manejo da Vida Silvestre) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2007.

FREITAS, Otto. **Consequências da ocupação do homem em uma Lagoa urbana**. CODEMA, Lagoa Santa, 1994. Acervo: CAALE/PMLS

MIRANDA, João Cardoso de. **Prodigiosa Lagoa Descoberta nas Congonhas das Minas do Sabará, que tem curado as várias pessoas dos achaques, que nessa relação se expõem**. Lisboa: Oficina de Miguel Menescal da Costa, 1749.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAGOA SANTA. **Reunião Ecológica: Pauta**, Lagoa Santa/MG, 1988. Acervo: CAALE/ PMLS

REIGOTA, Marcos. **Meio ambiente e representação social**. São Paulo: Cortez, 1995.

ROMANELLO, Jorge Luiz. **Imagens e visões do paraíso no oeste paulista: um estudo do imaginário regional**. Dissertação (mestrado), UNESP, Assis, 1998.

ROMANELLO, Jorge Luiz. **A natureza no discurso fotográfico da revista O Cruzeiro**: paisagens e imaginários no Brasil desenvolvimentista. Tese (História) – UNESP., Assis, 2006. Disponível em: < <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/103174> > Acesso em 10/4 as 16:30

KOSSOY, Boris. Fundamentos Teóricos. In: KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ateliê, 2001. p 33-50. Disponível em: < [https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=3&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKewiEoNO5jI7UAhVKOZAKHYiaCTgQFggxMAI&url=http%3A%2F%2Fpaginapessoal.utfpr.edu.br%2Fbertucci%2Fmestrado-estudos-de-linguagens%2Fppgel-processos-de-producao-de-sentidos-em-diferentes-linguagens%2Faula-9-processos-de-producao-de-sentidos-imagens-aula-2%2FKOSSOY-%2520B.%2520Historia%2520e%2520fotografia%2520-%2520cap.%2520Fotografia%2520e%2520historia.pdf%2Fat\\_download%2Ffile&usq=AFQjCNH7QaKIPoH2AArRZSDWGqQ8EO7ofA](https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=3&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKewiEoNO5jI7UAhVKOZAKHYiaCTgQFggxMAI&url=http%3A%2F%2Fpaginapessoal.utfpr.edu.br%2Fbertucci%2Fmestrado-estudos-de-linguagens%2Fppgel-processos-de-producao-de-sentidos-em-diferentes-linguagens%2Faula-9-processos-de-producao-de-sentidos-imagens-aula-2%2FKOSSOY-%2520B.%2520Historia%2520e%2520fotografia%2520-%2520cap.%2520Fotografia%2520e%2520historia.pdf%2Fat_download%2Ffile&usq=AFQjCNH7QaKIPoH2AArRZSDWGqQ8EO7ofA) > Acesso em: 22/5 as 17:40

KOSSOY, Boris. Construção e desmontagem do signo fotográfico. In: KOSSOY, Boris **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê, 1999. 19-60. Disponível em: < [http://www.pucrs.br/famecos/professores/sempe/Boris\\_Kossov.pdf](http://www.pucrs.br/famecos/professores/sempe/Boris_Kossov.pdf) > Acesso em: 20/5 as 16:10

## 7.0 ANEXOS

### ANEXO 1 - ROTEIRO DE ENTREVISTAS

#### QUESTIONÁRIO GERAL – TODOS ENTREVISTADOS

Onde você nasceu?

Qual sua idade?

Quando você se muda para a cidade ?

Qual sua formação?

Qual a sua ocupação ?

Qual a sua renda familiar mensal?

Qual a primeira lembrança que tem da praia que havia na Lagoa Central?

Qual a melhor lembrança que tem com tal local?

Qual a pior lembrança que tem com tal local?

#### QUESTIONÁRIO INDIVIDUAL - ROSÂNGELA ALBANO

1. Por quê a praia foi construída em Lagoa Santa ?

2. Em que ano a praia foi construída?

3. O que atraía as pessoas para a praia?

4. Quem frequentava a praia?

5. Em que ano a praia acabou?

6. Por quê a praia acabou?

7. Quais as consequências da praia para a Lagoa?

8. Houve alguma reação em torno dos impactos provocados pela “praia”? De quem?  
Por que?

9. A que essa imagem te remete? (exibição das imagens – uma a uma)

#### QUESTIONÁRIO INDIVIDUAL - DEMÓSTENES DE SALES

1.1. Por quê a praia foi construída em Lagoa Santa?

2. Qual sua relação com a praia?

3. Houve alguma reação em torno dos impactos provocados pela “praia”? De quem?  
Por que?

4. Em que ano a praia acabou ?

5. Quais os impactos do fim da praia na Cidade ?
6. Por quê a praia acabou?
7. Por quê a praia te interessou para fotografar?
8. A que essa imagem te remete? (exibição das imagens – uma a uma)
9. Qual ano e motivação de cada imagem?

#### QUESTIONÁRIO INDIVIDUAL - DONA ROMILDES

1. Qual sua relação com a Lagoa?
2. Qual a relação dos moradores da cidade com Lagoa antes da praia? (Quais? Quem?)
  - 2.1. Que outros usos da Lagoa a senhora lembra antes da década de 1980?
3. Os moradores da cidade frequentavam a praia?
4. O que os moradores achavam da praia?
5. Qual a relação dos moradores com a Lagoa depois da praia?
6. Na sua opinião o que levou ao fim da praia ?
7. Houve alguma reação em torno dos impactos provocados pela “praia”? De quem? Por que?
8. O que essa imagem te remetem? (exibição das imagens – uma a uma)

#### QUESTIONÁRIO INDIVIDUAL - PROCÓPIO DE CASTRO

1. Qual a sua experiência com a praia ?